

1 / 25

mantem-se

Historistas contra a Venezuela

ESTA ESPÉCIE DE ALEGAÇÕES

O Sr. Hogg, vulgo de Lorde Hailsham, ministro da Ciência de Sua Majestade Britânica, perdendo a cabeça na câmara dos comuns, acusou alguns deputados do Partido Trabalhista de serem «comunistas» e de se entregarem a «actividades subversivas».

A Câmara vai, portanto, segundo estabelece a tradição, julgar o Sr. Hogg por abuso de privilégio e desrespeito pelo Parlamento. Quem quer anular o adversário, pondo em dúvida as suas intenções e honestidade, apanha-se a ser bruscamente chamado à ordem. Brandir ameaças e falsos diabos, estabelecer climas emocionais em que a razão se não possa impor, tornar injuriosas palavras que de si o não são: eis o que se considera nocivo.

Claro que, como disse o sereno «The observer», se a reputação de alguém sofreu «com esta espécie de alegações» foi em primeiro lugar a do Sr. Hogg e só depois a da Câmara.

V. P. V.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

em 1/10/64

Prova nº 34

Saída em 28/2/64



PORTUGAL

Ó Portugal, se fosses só três sílabas,
 linda vista para o mar,
 Minho verde, Algarve de cal,
 jerico rapando o espinhaço da terra
 surdo e miudinho,
 moinho a braços com um vento
 testarudo, mas embolado e, afinal, amigo,
 se fosses só o sal, o sol, o sul,
 o ladino pardal,
 o manso boi coloquial,
 a rechinante sardinha,
 a desancada varina,
 o plumitivo ladrilhado de lindos adjectivos,
 a muda queixa amendoada
 duns olhos pestanitados,
 se fosses só a cega-rega do estio, dos estilos,
 o ferrugento cão asmático das praias,
 o grilo engaiolado, a grila no lábio,
 o calendário na parede, o emblema na lapela,
 ó Portugal, se fosses só três sílabas
 de plástico, que era mais barato!

*

Doceiras de Amarante, barristas de Barcelos,
 rendeiros de Viana, toureiros da Colegã,
 não há «papo de anjo» que seja o meu derrigo,
 galo que cante a cores na minha prateleira,
 alvura arrendada para o meu devaneio,
 bandarilha que possa enfeitar-me o cachaco.

Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo,
 golpe até ao osso, fome sem entretém,
 perdigueiro marrado e sem narizes, sem perdizes,
 rocim engraxado,
 feira cabisbaixa,
 meu remorso,
 meu remorso de todos nós...

ALEXANDRE O'NEILL

(Do livro a publicar FEIRA CABISBAIXA)

Mantem-se
 "Cortado"
 R. King

SERVIÇOS DE CENSURA
 (SEDE)
 CORTADO

ff

ANTOLOGIA

ALBERT BÉGUIN

O ENCONTRO COM O LIVRO

NOTA — Prosseguindo a apresentação em Antologia de textos particularmente importantes para uma mais exacta compreensão do fenómeno artistico, ou das suas actuais coordenadas, O TEMPO E O MODO apresenta, neste número, a intervenção de Albert Béguin na reunião da Sociedade Francesa de Leitores em 10 de Fevereiro de 1957, intitulada Le rencontre des livres. ~~Fomos buscar o texto dessa conferência ao n.º 4 — Abril de 1960 — da revista Esprit, e chamamo-lo, neste número, em tradução de João Bénard da Costa.~~

CONFESSO que tenho um certo receio de destoar um tanto ou quanto do nível geral em que tem decorrido estes debates, ao introduzir, com o que vou dizer, um tom que pode parecer anedótico.

Estou inteiramente de acordo com a afirmação de Roland Barthes de que a leitura é, em si própria, insubstituível, mas já estou menos de acordo com ele, quando diz que a essência da leitura pode ser captada graças às modernas técnicas científicas. Estou, pessoalmente, convencido que essas técnicas, de enorme utilidade para a civilização, só podem captar do homem o que ele tem de colectivo, e nunca (e não creio que tal se deva a passageira imperfeição) o que nós temos de mais pessoal.

No livro *Le liseur de romans*, Albert Thibaudet estabelece uma distinção que julgo válida entre o leitor e o ledor, que opunha entre si: o leitor era aquele que, de vez em quando, lia; o ledor, era aquele que lia por profissão. Creio, contudo, que as coisas podem ser encaradas doutro modo.

Para Thibaudet, ler por profissão implicava por vezes, uma esquisita leitura. Um amigo meu publicou, em tempos, um livro que enviou, como é habitual à crítica (ofereceu, pois, um exemplar a Thibaudet, com dedicatória). Pouco depois, teve que fazer uma viagem de comboio de Genebra para Paris, e foi sentar-se em frente duma pessoa que ele muito bem conhecia, embora ela o não conhecesse: nem mais nem menos do que Thibaudet. Na altura em que entrou no comboio, havia já cerca de dez horas de viagem e Thibaudet levava consigo uma mala, uma enorme mala de caixeiro-viajante, atulhada até a cima, unicamente com livros. Durante toda a viagem, o meu amigo, aterrorizado, viu-o tirar da mala livro após livro, abrir meia dúzia de páginas com imensa faca de papel, passar-lhe os olhos por cima e atirá-los, depois, pela janela fora. Vinte livros sofreram essa triste sorte e todos podem calcular a cara do meu amigo, transido, à espera de ver aparecer o seu próprio livro, que, felizmente, Thibaudet se tinha esquecido de meter na mala.

Neste caso, o ledor era um leitor, profissionalmente deformado.

Creio, contudo, que há um outro género de ledores, e julgo que este belo vocábulo se pode aplicar, igualmente, àqueles que são leitores por vocação.

Hoje em dia, fazem-se grandes esforços para assegurar nova e maior difusão



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

OS JUDEUS NA UKRÂNIA

Os preconceitos rácicos têm sido a causa de muitos dos males que a humanidade sofreu. Nenhum povo e nenhum regime se pode orgulhar de ter criado uma sociedade completamente isenta de injustiças feitas em nome deles. Algumas mesmo se distinguiram pelas inauditas barbaridades que no seu seio aconteceram, pelas perseguições que a cor da pele ou feição do nariz justificavam, pelas condições sub-humanas ou miseráveis em que certos grupos étnicos foram — e são — obrigados a viver. A Alemanha nazi, os Estados Unidos de 1964 podem servir — embora entre os dois casos existam diferenças pronunciadas — de exemplos adequados.

Trataremos agora da grande celeuma que levantou no mundo a publicação de um livro anti-semita patrocinado e exaltado pela Academia das Ciências da U. R. S. S. e escrito por um ucraniano anónimo. Livro — afirme-se — que no dizer dos órgãos internacionais de informação reedita as velhas prédicas hilerianas e, além disso, acusa o povo judaico de se ter submetido servilmente ao Führer. Eis os factos.

Note-se, em primeiro lugar, que se trata no caso da secção ucraniana — e não responsáveis nacionais — da referida Academia. Em segundo lugar, que, fora o livro em questão, não há notícia de qualquer outra forma de propaganda anti-semita, bem como, salvo um ou outro caso obscuro e isolado, não há notícia de que os judeus recebam nessa parte do mundo tratamento desfavorável. Não há, assim, notícia de que não possam habitar determinados bairros, frequentar determinadas universidades, comer em determinados restaurantes, etc., etc. ...

Não negamos, claro, que a um livro anti-semita correspondem sentimentos anti-semitas em algumas pessoas mais do que o respectivo autor. Negamos e que esses sentimentos sejam gerais e negamos, sobretudo, que sejam significativos. Por enquanto nada se soube que possa fundar conclusões sobre o racismo da sociedade em questão.

C. G.

H



CONTINUA

em 9/4/64

Prova n.º 50

Saída em 28/2/64

DATAS E FACTOS

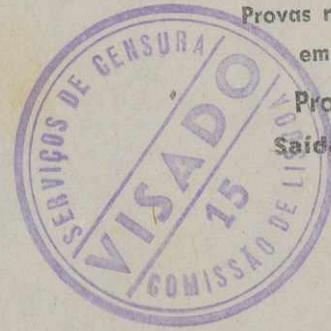
No dia 13 de Março, sexta-feira, foi o *meeting* dos Sindicatos. No dia 25 deu-se o episódio dos marinheiros em terra. No dia 29 cerca de 700 oficiais da Marinha reuniam-se, também em terra, sob o signo da bandeira brasileira a meia haste, aprovando uma moção em que se condenava a acção do Governo ao amnistiar os mesmos marinheiros, e se dizia: «*Estes acontecimentos demonstram de maneira flagrante a infiltração de agentes de subversão nas Forças Armadas. Não será subestimação o perigo que esta situação representa para as instituições e para o Brasil.*» No dia 30, Goulart recebeu representantes das Associações de Sargentos a quem afirmou: «*Não pensem que as forças da reacção poderão acabar com o meu mandato. Declaro na presença dos sargentos e soldados de todas as armas que coisa alguma poderá afastar-me um momento que seja da linha de conduta que tracei, com respeito pelas minhas convicções cristãs e democráticas.*»

Por «coisa alguma» devia entender-se «coisa alguma legal», como o demonstrou, no dia 31, a rebelião do 4.º Exército, pela qual efectivamente se afastou Goulart da sua linha de conduta.

Se cotejássemos os alarmantes apelos de Lacerda e Adhemar, bem como os cabeçalhos correspondentes da Imprensa apropriada, encontraríamos uma evolução muito clara: Goulart ameaça (o *meeting*) depois passa aos actos perigosos (a amnistia) depois insiste em ameaçar com a subversão (a recepção aos Sargentos). Então o Exército toma as medidas reclamadas pela maioria do povo brasileiro que, noticiou-se, ~~te não custa nada acreditar~~ não é comunista. Tudo seguira uma linha recta: «*Há que expulsar Goulart do Governo*» — escrevia-se no Correio da Manhã do dia 1 de Abril. «*A partida está ganha*» — anunciava nessa mesma tarde Carlos Lacerda, e não era *poisson*.

Não obstante, há que atentar nas declarações de alguns vencedores, especialmente nas de Adhemar. Numa entrevista à *United Press*, em 5 de Abril, o ~~amigerado~~ político paulista revelou que o golpe anti-Goulart «*principiou a sério, há um ano*». E, segundo declarações de um coronel cujo nome se manteve secreto, «*pode dizer-se que os nossos planos datam de há dois anos*».

Eis quanto basta para destruir o nosso belo esforço antecedente, tendente a esclarecer as causas da rebelião. Que não foram, é bem de ver, os acontecimentos das últimas semanas que a antecederam.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM CORTES

"Cortes" *mesmo*
Boa *Boa*

S/ef

*mantêm-se "cortes"
só a vermelho
R. Tring*



ALDERMASTON AO FIM DE SETE ANOS

Pela primeira vez, de há sete anos a esta parte, passou a Páscoa sem que de Aldermaston a Londres desfilassem milhares de manifestantes que pediam o desarmamento mundial. Em sete anos, sete entusiásticos anos, o movimento que promovia a marcha, Campanha Para o Desarmamento Nuclear, provocou uma grave cisão no Partido Trabalhista, fez periclitar Hugh Gaitskell, juntou vontades, conseguiu comícios gigantescos e demonstrações de resistência passiva nunca vistas. A ala esquerda do movimento, a célebre Comissão dos Cem, advogou a desobediência civil e, em defesa dos métodos propostos, algumas personagens conhecidas foram presas e julgadas à porta fechada.

Incomodando determinadas chamadas da população britânica a Campanha — e Aldermaston — foi acusada de pró-comunismo, por uns, e por outros, de desencadear efeitos nocivos no movimento trabalhista que provocaram as estrondosas derrotas eleitorais de 1956 a 1960. Pensou-se também, e com mais razão, que a timidez política de Gaitskell desaproveitara a ideia mais capaz de mobilizar as forças que pretendiam um real progresso da humanidade, em nome de uma abstracta unidade partidária que pretendia conciliar os opostos e acabou — como acabou — por tirar ao Partido a sua vitalidade e a sua coragem.

Hoje o debate terminou. A perspectiva próxima de conquistar o poder desviou as atenções. Houve quem respirasse de alívio — e dos dois lados. Mas será talvez o C. N. D. o centro do processo ao Trabalhismo inglês da década 1955-1965. E, desde já, uma enorme esperança adormeceu naqueles que creem ser a acção dos homens capaz de influir nos acontecimentos e, portanto, creem ter o C. N. D. contribuído para salvar a humanidade de uma guerra nuclear.

C. G.

HA

Organizar

Serviços de Censura (Séde) Autorizado com cortes

18

S/ef



Provas remetidas à Censura

em 9/4/64

Prova n.º 53

Saída em 28/2/64

OS ESPÍRITOS SUPERSTICIOSOS

«Os espíritos supersticiosos, que constituem uma verdadeira legião no Brasil, devem estar pouco tranquilos esta semana. O Presidente Goulart e o governador Carlos Lacerda, inimigos desde o dramático suicídio de Getúlio Vargas, vão mais uma vez defrontar-se na próxima sexta-feira — uma sexta-feira 13...» (Diário de Lisboa, 10-3-64). Carlos Lacerda afirmava no mesmo dia 10, referindo-se a esse defronto (O Comício dos Sindicatos no Rio levado a efeito, com a participação do Presidente) que ele constituiria uma «provocação de estilo nazi». (Id.). No dia 14 noticiava-se que 200 000 pessoas assistiram ao Comício «de estilo nazi». «Caíram as máscaras» — afirmou Lacerda — «O chefe aparente do partido da subversão é o Presidente Goulart até que os comunistas entendam por bem substituí-lo». No dia 2 Goulart foi substituído e «Ranieri Mazzili assume o cargo de Presidente da República» (Primeiro de Janeiro, 3-4-64).

Regressemos aos idos de Março. A 10 Lacerda aconselha «os democratas a suportarem a afronta (o Comício) com paciência e não caírem na armadilha da desordem, armada pela quinta coluna comunista». (Diário de Lisboa, 10-3-64). Mas a 13 «a palavra de ordem do patronato deve ser esta: amai-vos», isto no Congresso do Patronato dos Estados do Brasil. (Id., 13 de Março de 1964). No mesmo dia efectuava-se o Comício e o *Jornal do Brasil* de 14 afirmava: «A democracia foi humilhada na Praça Pública». A 20 Goulart diria: «Enganam-se redondamente os que falam de golpismo e pessoalismo. Se alguém neste país não aceita ser ditador sou eu». «Estamos a viver no Brasil grandes transformações sociais e não são de condenar globalmente a reformas preconizadas» dizia D. Helder Câmara, recém-nomeado Arcebispo do Recife, capital do Estado de Pernambuco, cujo governador Miguel Arrais «é católico praticante de tendências socialistas». (Diário de Lisboa, 17-3-64). A 19 efectua-se em S. Paulo, a marcha «Com Deus pela liberdade» para «travar» as tais «grandes transformações sociais». Entre os oradores (Diário de Lisboa, 21-3-64) Plínio Salgado, «chefe, antes da guerra do movimento fascista brasileiro». «Fascista sem ordem» chamaria Lacerda a Goulart a 24. (Ibid., 25-3-64).

A 21 Adhemar de Barros: «Tenho poucas ou nenhuma esperanças de que se evitem acontecimentos sangrentos». (Primeiro de Janeiro, 22-3-64). Lacerda, a



1-49-50/52

53/55-65/66

~~SERVIÇOS DE CENSURA
(S. C.)
CORTADO~~

mantem-se
o "corte" neste
artigo
D. Helder

Provas remetidas à Censura

em 9/4/68.163

Prova n.º 54

Saída em 28/2/64

24, não acreditava. (Diário de Lisboa, 25-3-64).

Depois foi a revolta dos sargentos de 26. A 28, foram postos em liberdade. Nesse mesmo dia Goulart declarava ter um «legítimo motivo de orgulho: o apoio sem reservas que encontrei nos graduados e nas filas do Exército de terra e da Aviação». (Primeiro de Janeiro, 29-3-64). A 30, Goulart convidava os sargentos a defenderem o seu plano de reformas e atacou violentamente «os homens que em nome de Deus exploram a fé do povo em defesa de altos interesses económicos». (O Século, 31-3-64). Dias antes tinha dito: «A responsabilidade da efusão de sangue na fase reformista em que estamos, caberá à minoria dos privilegiados».

A 31, Magalhães Pinto, banqueiro, governador do Estado de Minas Gerais, dava o sinal da rebelião, para salvar «o Brasil Católico da ameaça comunista» disse. No dia seguinte, Adhemar e São Paulo juntavam-se-lhe, e na «luxuosa praia de Copacabana a multidão festejou Carlos Lacerda. Podiam ver-se inúmeras pessoas dançando nas areias douradas da famosa praia e lançando papelinhos para as ruas do alto dos arranha-céus. (Primeiro de Janeiro, 2-4-64). «Está a decorrer um verdadeiro carnaval nas ruas do bairro de Copacabana», noticiava a France-Press a 2. Os Estados Unidos (Diário de Lisboa, 3-4-64) aplaudem a 3 a destituição de João Goulart e Johnson felicitava o povo brasileiro por resolver as suas dificuldades «dentro de um âmbito de democracia constitucional». A expressão é aliás de Adhemar de Barros: «Iniciámos esta luta unicamente para defender a democracia» disse. Assim e nesta ordem de ideias: A limpeza começará brevemente. Apanhámos mais de 2000 comunistas... Conseguimos derrotar os 2 J, Jânio Quadros e João Goulart. Agora é preciso derrotar o terceiro J Juscelino Kubitschek de Oliveira, que foi conselheiro de Goulart e que sempre ateou o fogo». (Primeiro de Janeiro, 5-4-64).

A 6, Goulart chegava a Montevidéu: «O meu governo achou sempre que a melhor maneira de combater o comunismo era atender a reivindicações populares. Sem isso jamais poderão combater-se doutrinas contrárias aos sentimentos cristãos do povo brasileiro». (Diário de Lisboa, 6-4-64).

A 3 o antigo ministro de Jânio Quadros, João Agripino, dissera já que «os vencidos nunca têm razão». (Diário de Lisboa, 3-4-64).



Montem...
"Conte" R.M.

SERVIÇO DE CENSURA
(Setor de Censura)
CORTADO

*manutem-se
"ante" R. Trues*

pode contribuir para uma situação nova na qual os Estados Unidos e outros países julgarão a revisão da sua política no Extremo-Oriente.

Devemos «chocar-nos» menos facilmente — e desejaria que o termo «chocar-se» fosse banido dos nossos jornais e particularmente do «Jornal Oficial».

Se o Congresso e a opinião pública são tão facilmente «chocáveis», o executivo e particularmente o Departamento de Estado sofrem do mal de prudência crónica e excessiva. Uma política externa eficaz deve preocupar-se mais em inovar no exterior do que em apaziguar no interior. Uma política externa criadora não pode obter uma aprovação imediata e geral. É necessário que os dirigentes tomem por vezes decisões desagradáveis e impopulares...

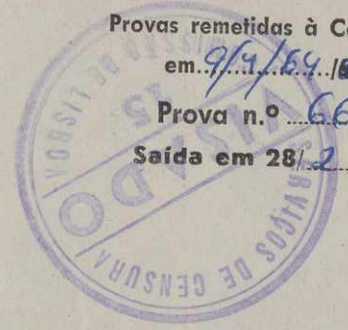
Quando os factos se tornam «impensáveis», o pensamento demite-se e a acção torna-se incoerente. Se nos queremos curar dos velhos mitos e agir positivamente sobre as novas realidades do nosso tempo, devemos pensar e falar com uma perfeita liberdade e recordarmos a frase de Woodrow Wilson: «A liberdade de expressão é a maior das seguranças, porque é a falar que os idiotas se denunciam.»

Quase se tornam desnecessários comentários adicionais. Uma grande potência debate-se em contradições que jamais se poderão resolver. Ela e também um «mundo» que afirma representar. Esse «mundo», essa potência instituem-se agora apóstolos do desenvolvimento. Mas que desenvolvimento? Para quem? Como? Com quem? Quando? A questão é de ritmo e de sentido. E será possível abrir apenas uma fresta da porta ao vento da mudança? Não se oporão sempre as «oligarquias remanescentes» às reformas, mesmo tímidas, que pretendam alterar um destino colectivo e, portanto, limitar-lhes o poder? E, derrubadas estas, quais os

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

11

manutenção
"Corta" o
R. M. G.



homens e as ideias que deverão construir um futuro mais merecedor de ser vivido? Como escreve Fulbright, «a política dos Estados Unidos na América Latina postula que uma revolução social se pode dar sem convulsões violentas... todavia...». Sem convulsões. No entanto, o Brasil sofre a rebelião das forças conservadoras e personagens públicos que delas fazem parte declaram ser urgente «dar caça» aos políticos que defendem os verdadeiros interesses de um povo. Sem convulsões. E, no entanto o Governo dos Estados Unidos abre os temerosos braços aos insurrectos caçadores de bruxas para que o Progresso se efectue «com Deus e com a Pátria».

Uma grande potência agita-se, procurando opor-se ao acontecido, evitar o inevitável. Não admira, pois, que a imaginação domine o pensamento ou que uma cega devoção guie os actos dos homens. O «impensável» não passa daquilo que é impossível admitir. Ninguém luta com a antecipada certeza da derrota. Por isso, os mitos têm a todo o custo de ser preservados, já que são eles os pilares do presente. William Fulbright bem reclamará os direitos da razão, porém, a razão dominante é a de que tudo, excepto a absoluta intransigência, age como cumplicidade. Facilitar o que se tenta destruir, à espera que o processo pare a meio caminho, sustenta a maioria, é mais do que um erro, é um suicídio. Quem estará na verdade? Algum dia o saberemos ou a via audaciosa de Fulbright nunca se conseguirá impor? De qualquer modo, para lá dos acidentes e das regressões, o fim será um. Entretanto, Deus e o Diabo preparam-se para mudar de campo.

VASCO CORREIA GUEDES

H

SERVIÇOS DE CENSURA
(S.C.E.)
CORTADO

12

Mantêm-se
o "Conte" lentes duas
conferências
R. Freyre

O TEMPO E O MODO - N.º 13

Provas remetidas à Censura

em 10/4/64

Prova n.º 67

Salea em 28/2/64



67
105

A FOME E O DESARMAMENTO²

NOTA DA REDACÇÃO

Em apoio do artigo de Alberto Nascimento Regueira, que noutro lugar publicamos, escolhemos para a nossa antologia deste número os textos de Ilya Ehrenbourg e Tibor Mende que a seguir se podem ler. Serviram eles para duas conferências proferidas em Genebra, em Setembro de 1960, inseridas nos Encontros Internacionais que nessa cidade anualmente se efectuam e que nesse ano foram dedicadas ao problema da Fome. Fomos buscá-los ao volume A Fome, da série Encontros Internacionais de Genebra que Publicações Europa-América, em notável cometimento editorial, estão a lançar entre nós, e que se encontra à venda em todas as livrarias do País.

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

QUANDO os organizadores dos Encontros de Genebra me convidaram para participar na discussão do problema da fome, hesitei em aceitar. Não sou nem sociólogo, nem economista, nem médico, que poderia eu acrescentar àquilo que acerca do assunto já disseram especialistas tão categorizados como Josué de Castro? No entanto, aceitei.

Os escritores da minha geração foram educados segundo os preceitos dos nossos ilustres antecessores, os escritores do século XIX; aprendemos com eles que o escritor não é apenas moralmente responsável pelos seus livros, mas também pela vida dos homens que não lêem os seus livros e talvez nunca os venham a ler.

Nasci em 1891, data memorável tanto para o camponês russo como para o viticultor francês. Lembro-me dos apreciadores de bons vinhos que, em Paris, procuravam as garrafas com rótulos dessa data. Sucede que a seca melhora a qualidade das uvas e queima o trigo. Nesse ano, a Rússia suportou os efeitos da fome: em vinte e nove governos¹, a colheita fora má. Tolstoi, Tchekov e Yorolenko tentaram

¹ Conferência de 5 de Setembro de 1960.

² Divisão administrativa da Rússia no tempo dos czares, de certo modo equivalente aos nossos direitos. (N. do T.)

ajudar as vítimas da fome organizando peditórios e sopas populares. Era apenas uma gota de água no oceano. Durante muito tempo, chamou-se a 1891 o «ano da fome».

O Verão que acabamos de passar não se parece nada com o da Europa Ocidental: foi tórrido; mas a nova organização da agricultura, a mecanização das tarefas agrícolas e o desbravamento das terras virgens possibilitam hoje em dia a existência de boas colheitas mesmo em anos maus. O problema da fome deixou de existir no nosso país. Recordo-me, todavia, de que os meus grandes compatriotas não reservavam apenas a sua solicitude para a miséria dos seus compatriotas. Lembro-me de Tolstoi elogiando o explorador russo Mikluko-Maklai por ter fornecido material agri-

Provas remetidas à Censura

em 20/9/63

Prova n.º 68

Saída em 28/2/64



cola em Papuas, entre os quais fizera uma estada, ensinando-lhes a cultivar a terra, e também por se ter insurgido, nos seus livros, contra as ideias racistas, mostrando o eminente valor dos povos pretensamente selvagens.

Os princípios da solidariedade humana constituem o abecedário das nossas escolas. Quando no nosso país lemos as obras do brasileiro Jorge Amado, dos escritores da Índia ou da África negra, do italiano Dolci ou do cubano Guillén, não podemos conservarmo-nos indiferentes aos sofrimentos daqueles que têm fome, seja qual for o país que habitem.

Num tempo como o nosso, em que as grandes potências alicerçam os respectivos regimes em princípios diferentes, apenas a não intervenção nos assuntos internos dos outros pode assegurar a paz. Mas a fome, que devasta territórios imensos no mundo, é uma chaga aberta no flanco da humanidade inteira, e todos os povos devem lutar contra esse flagelo, estejam eles esfomeados ou fartos, pois trata-se de um combate onde não há lugar para os neutros.

Cada vez aparecem mais políticos, mais economistas, mais diplomatas, a dizer que é necessário vencer a fome. Com efeito, este interesse pela sorte das nações esfomeadas explica-se, por vezes, menos pela filantropia e pelo remorso do que pelo cálculo e pelo medo. A verdade é que o mapa do mundo está em vias de se transformar. Sucede o mesmo com a luta contra a fome. Pouco importa se o humanitarismo de certos homens políticos lhes é ditado pelo temor; já é excelente que eles falem de combater a fome mesmo que tenham esperado pela segunda metade do século XX para o ofazer.

Está hoje em moda dividir o mundo em países com fome e em países com fartura. Esta geografia sumária nem sempre concorda com os rudimentos da história nem com a realidade: a fome tem vivido muitas vezes, e ainda hoje vive, lado a lado com a abundância, a necessidade com a abastança.

Visitei os Estados Unidos em 1946; acabava de chegar do meu país, arruinado por uma guerra atroz; a riqueza de Nova Iorque impressionou-me. Fui depois aos estados do sul. Nas plantações de algodão situadas no delta do Mississipi vi como os negros viviam. Famílias numerosas ganhavam entre 250 e 350 dólares por ano. Compreendi então que, mesmo neste país de abundância, de conforto e de riqueza, existiam homens que nunca tinham comido o suficiente para matar a fome.

Seria meu desejo evocar aqui uma máquina que observei, vai já decorrido um quarto de século, e que me perturbou; mas a história exige um preâmbulo. Como todos sabem, por alturas do trigésimo ano deste século, uma formidável crise económica abalou o mundo. Em 1929, os jornais americanos revelaram um sintoma alarmante: os Estados Unidos tinham trigo a mais, dispunham de um excedente de 247 milhões de alqueires. Em breve veio a saber-se que existia também um excesso no Canadá, na Austrália, na Argentina. E esta superabundância acabou por se alastrar aos países agrícolas da Europa — a Hungria, a Roménia, a Jugoslávia. Poder-se-ia ter acreditado na prosperidade do Mundo. Mas o número de pessoas com fome crescia a par com as cifras da superprodução. Não falo dos anos de fome de 1928 e de 1931, na China. Nessa Hungria e nessa Roménia onde os grandes proprietários rurais não conseguem colocar o seu excedente de trigo, os camponeses morriam de fome. Os desempregados da América tinham fome; basta ler *As Vinhas da Ira*, de Steinbeck. Na Conferência de Roma, os delegados de quarenta e seis Estados discutiram a redução das sementeiras, e foi proposto que se decompusesse o trigo com ósine, a fim de o tornar impróprio para consumo. Dezenas de milhões de indivíduos suporta-

REQUISITOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 10/4/64

Prova n.º 69

Saída em 28/2/64



vam o tormento da fome, e entretanto o trigo servia para alimentar o gado. A crise alastrava: não tardou a descobrir-se que existia carne a mais no mundo. E foi assim que, durante o Verão de 1933, em Nakskov, na Dinamarca, eu vi a tal máquina que tanto me surpreendeu. Nessa época abatiam-se naquele país cinco mil cabeças de gado por semana. 6 % dos produtos resultantes do esquartejamento do gado serviam para fins industriais: para o fabrico de sabão, por exemplo. O resto era destruído, quer dizer, a carne com que sonhavam os desempregados dinamarqueses. E havia surgido um espírito engenhoso que imaginara uma máquina para transformar a carne e os ossos numa espécie de pasta, que era cozida e depois comprimida numa prensa; o resultado era uma espécie de bolas para alimento dos porcos. Não tardou que o presunto inundasse o mundo: tentou-se acabar com os porcos.

Se recordo este facto, é porque, antes de falar dos países chamados «econômica-mente subdesenvolvidos», se torna necessário observar que, naqueles onde o progresso técnico está mais adiantado, a consciência moral e o bom senso se atrasam muitas vezes em relação às máquinas. Foi por causa de rapinagens deste género que Zeus castigou Sísifo. Mas quem será capaz de explicar a que género de crimes se deve a condenação de milhões de homens a um trabalho de Sísifo?

Os países economicamente subdesenvolvidos... Primeiro do que tudo, desejaria pôr em relevo aquilo que há de convencional nesta definição. Li, há alguns dias, num jornal de Milão, que a Itália deve ocupar um lugar de primeiro plano na assistência aos países economicamente subdesenvolvidos. A aspiração, em si, é louvável, mesmo que seja inspirada por cálculos de natureza política. Mas, confesso-o, tive uma grande vontade de perguntar ao autor do artigo o motivo por que a Itália do Norte não conseguê resolver o problema da fome na Sicília ou na Calábria.

Não se pode no entanto negar que onde os efeitos da fome se fazem sentir mais cruelmente é nas colónias de ontem e de hoje. Segundo uma opinião muito espalhada, certos povos, mais dotados e mais trabalhadores, teriam criado a civilização contemporânea, enquanto os outros, uns preguiçosos que apenas aspiravam ao nirvana, mascavam haxixe ou fumavam ópio, teriam faltado, por estarem a dormir, ao encontro com o século do progresso, e agora viveriam uma vida diminuída. Não se trata apenas de uma teoria cara aos racistas, é também uma ideia comum a muitos espíritos simplistas que conhecem as outras partes do mundo por intermédio de dois ou três filmes feitos em Hollywood. Tudo se passa como se existisse uma escola cujos bons alunos se tivessem tornado primeiros-ministros, físicos atômicos ou filósofos, enquanto os preguiçosos continuavam a ser uns parasitas da sociedade.

Seria meu desejo ocupar-me com alguma demora de um país que nunca pode ser esquecido quando está em causa a luta contra a fome. Quero referir-me à Índia. Visitei esse país, amo o seu povo e tenho consideração por ele. Ninguém ignora que nos primeiros séculos da nossa era, enquanto nas florestas da Inglaterra ainda viviam tribos em estado primitivo, já os Indianos construíam navios de longo curso, fabricavam tijolos, perfumes, tapetes de uma arte refinada, móveis com incrustações preciosas, cultivavam a cana-de-açúcar e flores raras, e até já possuíam clínicas veterinárias. O que se não sabe tão bem é que, quando os colonizadores europeus penetraram na Índia, o que os impressionou não foi a pobreza do país, mas sim a sua riqueza. Jean-Baptiste Tavernier escreveu que, nas mais pequenas aldeias da Índia, é possível comprar farinha, óleo, leite, açúcar, legumes variados e doces. Um outro francês, Bernier, fala de canais navegáveis, do sistema de irrigação artificial das terras, da exportação de tecidos de lã e algodão. Clive, que comandava as forças

CENSURA DE GENÉRICA
 (S. DE B.)
 CORTADO

O TEMPO E O MODO - N.º 13

Provas remetidas à Censura

em 10/4/64

Prova n.º 70

Saída em 28/2/64

inglesas, escreveu, a propósito de Murchidabad: «É uma cidade tão grande, tão povoada e tão rica como Londres.» Um especialista inglês dos problemas da Índia, Vera Ansty, observa: «Até ao século XVIII, a Índia foi um país relativamente desenvolvido sob o aspecto económico e os métodos de produção indianos em vigor na indústria e no comércio podiam suportar a comparação com as mais modernas realizações de qualquer outra parte do mundo.» Em 1757, a batalha de Plassey, que abriu aos Ingleses as portas do território de Bengala, definiu ao mesmo tempo a sorte da Grã-Bretanha e da Índia. Até essa data, os teares de Manchester não se diferenciavam dos de Dacca. Mas, à medida que ia progredindo, a Inglaterra atrasava cada vez mais a Índia, em 1799, o residente da Companhia das Índias Orientais, Butcher, escreveu: «Este país maravilhoso, que prosperava sob o mais despótico dos regimes, transformou-se numa ruína.»

Um ano mais tarde, 10 milhões de pessoas pereciam de fome em Bengala. Fullerton, membro do Parlamento britânico, declarou: «As terras ficam em pousio. Os mata-gais invadiram imensos territórios. Os camponeses são roubados, maltratam-se os artesãos, a fome persiste, a população decresce.»

Não, não se trata de um aluno que estudou mais do que outro, mas sim de um aluno que prosseguiu os estudos à custa de outro, depois de o pôr ao seu serviço. De boa vontade me teria absterido de assinalar este facto: sou de opinião que hoje em dia se nos impõe uma discreção muito particular, que é necessário evitar tudo quanto nos possa conduzir aos piores anos da guerra fria. E se, apesar disso, arrisco este olhar pela história, faço-o unicamente porque acabamos de ouvir um dos mais inteligentes, dos mais responsáveis e dos mais sensatos representantes de Inglaterra proclamar que os Ingleses não só emanciparam a tempo as suas colónias, mas também que no passado sempre contribuíram para o seu progresso. Ora, afigura-se-nos que, em muitos casos, o auxílio aos países subdesenvolvidos constitui mais o pagamento de uma dívida, uma reparação do que um acto de generosidade.

Os últimos meses chamaram a atenção do mundo para o longínquo Congo: o seu nome foi incessantemente repetido em todos os cumprimentos de onda. Consideremos o Congo a partir do ângulo do tema que nos é proposto pelos organizadores dos Encontros de Genebra. Não sou nem diplomata, nem político de profissão, nem accionista. Para mim, o Congo não é nem uma carta que se lança para cima do pano verde, nem uma fonte de rendimento, mas um país que vive. Sei que os habitantes de Léopoldville são homens, iguais aos que habitam Moscovo ou Genebra.

O Congo é um país rico, e os Congolezes vivem com dificuldades. Porquê? Encontrei numa revista belga algumas cifras curiosas. Referem-se ao orçamento de 1958. 24 milhões de dólares era a importância prevista para fazer face aos encargos com a protecção à saúde pública no Congo e 47 milhões destinavam-se às despesas da administração colonial, da polícia e do exército. As diversas organizações monopolistas arrecadavam, por ano, 260 milhões de dólares. Se elas acedessem a entregar nem que fosse metade apenas dos seus lucros, isso somaria 130 milhões de dólares, o que seria suficiente para modificar o nível de vida dos Congolezes. Ninguém desconhece, evidentemente, que a discussão acerca do Catanga está relacionada com o urânio e com o cobalto. O urânio, para nós, já nada tem que ver com o Urano, o deus do Céu da mitologia grega, mas sim com Hiroxima e Nagasáqui, quer dizer, com a morte atómica. Se os Congolezes dispusessem dos seus recursos naturais e se o seu trabalho não servisse para enriquecer os monopólios, cerca de 250 dólares por cabeça reverteriam anualmente a favor do Congo. A fome seria vencida.



REVISÃO DE ALIQUOTA
CORTEADO
7/10/64

Provas remetidas à Censura

em 20/4/69.163

Prova n.º 71

Saída em 28/2/64



Um jornal francês, *L'Express*, assegura que os observadores ingleses e americanos tratavam Tschombé, que actualmente governa o Catanga, pelo nome de «puppet prime minister». Seria inútil dizer de quem são as mãos que manejam os fios que acciona a boneca...

Os Americanos estão a negociar com o Governo congolês a concessão de um auxílio económico. Durante os últimos anos, a assistência dos países ocidentais às nações subdesenvolvidas aumentou bastante; infelizmente, esta relaciona-se muitas vezes com o desejo de salvaguardar a existência de bases estratégicas nesses países, ou de os incluir em blocos militares. Não se trata da minha opinião pessoal — poderiam considerá-la interessada — mas sim da do presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado americano, Fullbright, que declarou: «É uma escala grandiosa que nós fornecemos aos povos dos países subdesenvolvidos um armamento de exterior; mas são escassos os meios de combate que lhes damos contra a sua própria miséria, as suas dificuldades económicas, as suas privações e a sua penúria permanente...»

O auxílio dos países capitalistas, bem como dos países socialistas, é sem dúvida, insuficiente para permitir que as populações votadas à fome ou à semifome se libertem. Para que todos os povos do mundo possam ingressar na via do progresso não bastam as migalhas caídas da mesa, assim como não bastam também as «luvas» e os donativos, por mais generosos que sejam. Quando a situação se torna insustentável, não está apenas em causa a distribuição dos víveres. Interessa sobretudo auxiliar os povos subdesenvolvidos a edificar uma economia sólida e sã. Existem certas formas de assistência tão fortuitas e insultuosas como uma esmola. E outras vêm acompanhadas de condições políticas ou ligadas a cálculos de natureza mercantil dignos de Shylock. É necessária uma ajuda desinteressada, raciocinada, que não esteja dependente nem de tutores, nem de agiotas, nem de coleccionadores de bases estratégicas: uma ajuda de igual para igual.

Os especialistas da O. N. U. calcularam que, se os países subdesenvolvidos investissem anualmente 14 biliões de dólares na sua economia, em vinte anos teriam vencido a fome, a miséria, as doenças derivadas desses flagelos e o analfabetismo.

É difícil conceber que as nações fartas estejam dispostas a consentir na descida do seu nível de vida para que a fome seja eliminada da Terra. Podem a esse respeito pronunciar discursos e fazer sermões, mas não são as palavras que irão transformar o arado em tractor, que irão irrigar os desertos e multiplicar as sementeiras.

Afigura-se-me que a única possibilidade de acabar realmente com a fome seria pôr à disposição dos países tecnicamente subdesenvolvidos ao menos uma parte mínima das somas fabulosas que insensatamente se despendem com armamentos.

Classifiquei de insensatas as despesas feitas com os armamentos. Poder-me-ão perguntar porque recorro eu a este epíteto: sempre os Estados gastaram dinheiro (mais ou menos) para manter exércitos e fabricar armas. Sim, mas outrora as despesas de armamentos podiam justificar-se porque rendiam: os países que ganhavam a guerra ficavam também, até certo ponto, arruinados, mas obrigavam os vencidos a reembolsá-los, com juros elevados. As descobertas da física moderna vieram transformar a antiga noção de guerra. A ideia de que esta era uma lotaria onde se poderia ganhar ou perder desfez-se. Anexações, fontes de matérias-primas, novos mercados, indemnizações, todos esses sonhos se dissiparam. A fórmula «exterminação em massa» qualquer homem de bom senso acrescenta automaticamente: «...e suicídio

CORTADO (falta) 5

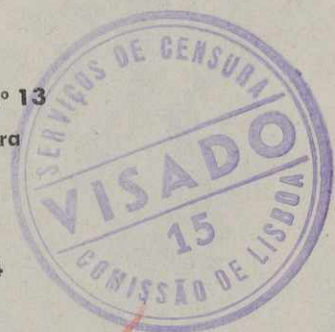
O TEMPO E O MODO—N.º 13

Provas remetidas à Censura

em 20/4/64

Prova n.º 72

Saída em 28/2/64



também em massa».

A corrida aos armamentos modernos é desastrosa e insensata. Basta construir um novo avião a jacto, um submarino atómico ou um foguetão balístico para que a arma que se julgava ultramoderna fique num instante ultrapassada pela do adversário. Um humorista disse, não sem uma certa razão, que apenas os uniformes dos generais e os metais das bandas de música podiam conservar-se nos arsenais do ano seguinte! O resto é para inutilizar. As estatísticas calcularam que a humanidade perde todos os anos 100 biliões de dólares em inutilizações. Sísifo sua sangue para içar o seu rochedo, a pedra rola até à base da montanha, e Sísifo prossegue no seu trabalho inútil.

Os nossos debates ocupam-se do problema da fome; não o esqueci. Mas, já que falo do desarmamento, não posso deixar de afirmar que é esse o único meio de se salvarem não só os famintos como também os fartos. Em face da corrida às armas atómicas, que prossegue sem tréguas, em face da inverosímil acumulação dessas armas, em face da crescente tensão internacional, o menor incidente pode inutilizar não apenas os arsenais, mas também continentes inteiros. Na nossa época, a paz só pode ser assegurada por meio do desarmamento geral, completo e fiscalizado.

Pelo que diz respeito a muitos países economicamente subdesenvolvidos, o desarmamento representa para eles a única possibilidade de acabar com a fome. De uma vez que fiz escala em Carachi, fiquei impressionado com o aspecto debilitado das pessoas que encontrei nas ruas. Alguns poetas veriam talvez nisso o efeito do célebre fatalismo oriental. Quanto a mim, considero os números mais convincentes. Nesse país economicamente subdesenvolvido as despesas de armamento representam 60% do total das despesas do Governo central. Sendo um país agrícola, o Paquistão precisa de importais cereais. As sementeiras diminuem de ano para ano. O Governo tentou mandar fazer obras de irrigação e estações hidráulicas que permitissem aumentar a extensão das sementeiras, mas os trabalhos progredem muito mais lentamente do que o volume dos armamentos. No decurso do 1.º plano quinquenal, o Governo despendeu 970 milhões de rupias com a agricultura e destinou 4 biliões a fins militares. Os Paquistaneses, como muito bem se compreende, só poderão saciar a fome depois de se verem libertos dos gastos, desproporcionados para as suas forças, que lhes são impostos pela corrida aos armamentos.

A convenção do desarmamento pode (e, a meu ver, deve) ser acompanhada de um acordo que tenha em vista estudar a aplicação de uma parte das somas disponíveis aos países subdesenvolvidos. Esse auxílio deverá revestir-se de um carácter de cooperação, e não de tutela, abstendo-se sempre de qualquer forma de intervenção. Os organismos que após a convenção do desarmamento forem chamados a repartir os créditos internacionais deverão admitir no mesmo pé de igualdade os representantes dos Estados que entregarem os saldos disponíveis dos orçamentos militares e os delegados dos Estados que os irão receber.

Torna-se mais do que evidente que uma tal convenção transformará totalmente o clima internacional. A desconfiança dará lugar à cooperação. Estou persuadido de que os sábios, os engenheiros, os economistas, os médicos da União Soviética e dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Checoslováquia, numa palavra, de todos os países que se encontram actualmente em campos opostos, trabalharão unidos nesta grande obra: expulsar a fome, as doenças e a miséria, que ela arrasta consigo, de todos os países do nosso planeta, tão pequeno e no entanto tão fértil em conflitos.

Responder-me-ão talvez: «Isso é um sonho! Nunca haverá uma convenção de

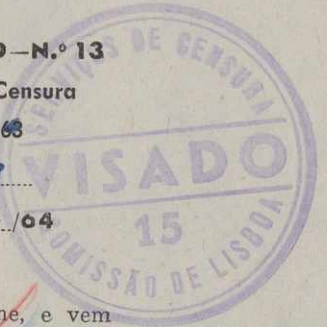
RETIROS DE REALIZAÇÃO
CORTEADO

Provas remetidas à Censura

em 10/4/64

Prova n.º 73

Saída em 28/2/64



SERVIÇOS DE GENEBRA
(SEDE)
CORTADO

desarmamento. Estamos aqui para discutir os meios de combater a fome, e vem você propor soluções utópicas.» Responderei antecipadamente a essas objecções. Sei muito bem que os acordos de Genebra estão este ano a decorrer num clima pouco favorável. As negociações para o desarmamento estão por agora suspensas. As potências ocidentais atribuem esta situação ao facto de os delegados dos países socialistas haverem abandonado a Comissão de Genebra. A União Soviética pensa que as conversações foram interrompidas por causa da repugnância que as potências ocidentais mostraram em encontrar uma solução que conduzisse ao desarmamento fiscalizado, pois preferiam a isso a fiscalização dos armamentos. Sei tudo isso, mas nem assim fico menos convencido de que as negociações para o desarmamento serão em breve uma realidade, que apesar do volume das dificuldades e dos obstáculos naturais, e, também, dos impedimentos conscientes, essas negociações terminarão por um acordo. Não há, com efeito, outra saída possível: cada dia que prolonga a corrida às armas atómicas representa, além de uma enorme perda em dinheiro e trabalho, um risco formidável para a existência de países e continentes inteiros. O desarmamento, hoje, já não é uma utopia de espíritos nobres ou um preceito desta ou daquela religião, mas uma necessidade vital para todas as nações, seja qual for o seu regime, seja qual for o seu poder estratégico.

Para falar com franqueza, o que eu considero uma utopia é a ideia de que se possa vencer a fome dentro do quadro de uma corrida cada vez mais intensa aos armamentos. Existem certamente nos países subdesenvolvidos homens que acreditam que o antagonismo crescente entre os dois grandes blocos lhes permitirá extorquir, de um e outro lado, os fundos necessários para melhorar a situação económica das suas terras. Não passam de cálculos ingénuos: primeiro porque esses países, tal como quaisquer outros, podem facilmente vir a ser vítimas de uma catástrofe atómica; e também porque os cálculos baseados em calamidades passageiras nunca se traduzem em resultados sólidos.

Poderá ser de facto assim, responder-me-ão: admitamos que você está a ver bem as coisas e que uma convenção do desarmamento venha finalmente a realizar-se. De qualquer modo, não é num dia que tal iniciativa virá a concretizar-se. Terão os povos deserdados de esperar pelo fim da operação? De modo algum. Poder-se-á organizar a assistência à escala internacional logo na primeira fase do desarmamento, pois essa primeira fase libertará somas vultuosíssimas.

Suponhamos que a primeira etapa prevê duas medidas: uma que enfraqueça militarmente a U. R. S. S., cuja principal vantagem consiste nos veículos atómicos; e outra que enfraqueça os Estados Unidos, cujas bases estratégicas em territórios estrangeiros cercam a U. R. S. S. Explico-me melhor: suponhamos que, nesta primeira etapa do desarmamento, as instalações terrestres e submarinas para o lançamento de foguetões, os bombardeiros pesados e as bases estratégicas em território estrangeiro são suprimidos. Estas medidas libertariam imediatamente somas muito consideráveis e, mesmo que apenas uma infima parte delas fosse canalizada para o fundo internacional de auxílio aos países subdesenvolvidos, a fome começaria imediatamente a recuar. Um porta-aviões de propulsão por jacto representa o valor de 2 000 750 000 toneladas de trigo, um bombardeiro de reacção equivalente a 100 000 toneladas de açúcar e um submarino equipado para o lançamento de foguetões representa o custo de 55 000 toneladas de carne de primeira qualidade. Apoio-me nos cálculos americanos, mas estas cifras são também válidas para os foguetões sovié-

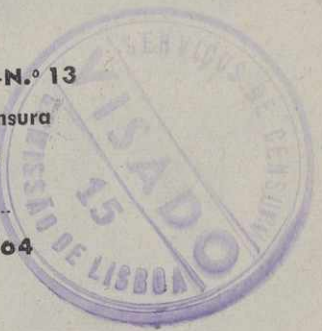
O TEMPO E O MODO—N.º 13

Provas remetidas à Censura

em 10/4/64

Prova n.º 79

Saída em 28/7/64



ticos ou para os aviões ingleses.

Há um provérbio que afirma que o farto não entende o esfomeado. O meu povo sabe bem o que é a fome. Até à Revolução, a sua vida foi difícil. Quando se abalçou a trilhar o seu próprio caminho, numerosas provações lhe estavam reservadas. Dir-me-ão, talvez, que algumas vezes ele se enganou. Só os que não procuram se não enganam; e, no que nos diz respeito, não trilhamos um caminho já pisado; fomos nós próprios que o abrimos, num território ainda inexplorado. Por duas vezes fomos atacados por outros países. Em 1918-1919 achava-me eu na Ucrânia. Existia também ali um *puppet prime minister*, que havia sido posto no Poder pelos Alemães, mas quem agora lá o mantinha eram os Franceses e os Ingleses. Não vou perder tempo a falar-vos da guerra que Hitler fez ao meu país: os habitantes de Leningrado não foram os únicos então, a conhecer a fome... Estamos em condições de compreender os seres humanos que, nos países longínquos, estão condenados a perecer lentamente de fome. Ajudamo-los. Desejariamos que a nossa ajuda fosse ainda mais eficaz. Eis o motivo por que eu ligo o problema da fome ao do desarmamento.

Os nossos descendentes irão pensar que a história do tempo que estamos agora a viver é misteriosa. Dirão: «Que estranha época! A humanidade tinha iniciado já a conquista do cosmos. Pela primeira vez, os sábios haviam ponderado seriamente as probabilidades de se enviarem seres humanos a outros planetas. Em muitos países, a economia planificada viera substituir o anterior caos. Um após outro, os povos coloniais obtinha a independência. As invenções não haviam tardado a criar um novo estilo de vida, antecipação já do futuro século XXI. No entanto, a humanidade continuava eivada de contradições e de instintos bestiais. Imensos territórios permaneciam escravizados pela fome. Investia-se nos armamentos um trabalho insensato: quando, por fim, os homens caíram em si, tomaram consciência das somas que assim tinham lançado ao vento. E os jornais da época pesavam todos os dias as possibilidades de reventar uma guerra por causa de algumas ruas de uma cidade qualquer ou de um lote de acções...»

Sim, é sem dúvida desse modo que se falará, no princípio do próximo século, em Genebra, por ocasião de algum encontro destinado a estudar o nosso perturbado século. Mas, na hora que passa, temos outras preocupações além do juízo que os vindouros farão a nosso respeito. É com orgulho que pensamos no nosso século, um orgulho temperado de inquietação, pois não queremos deixá-lo marcado com o ferrete da infâmia, entregar ao acaso a sorte da humanidade como uma carta que se atira para a mesa de jogo. Nós pretendemos desarmar a fome. E pretendemos também desarmar os Estados. Estou convencido de que no dia em que a última espingarda «clássica» for atirada para a sucata, nesse dia, mais ninguém na Terra terá fome. No fundo, tudo depende dos homens, de cada um de nós e de todos em conjunto.

TIBOR MENDE

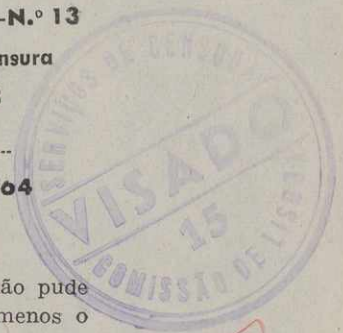
A FOME E A PAZ¹

Como todo o conferencista que se preza, começarei por pedir desculpa. Em primeiro lugar, compreendo perfeitamente que as pessoas se sintam desiludidas ao encontrarem esta noite, em lugar do meu amigo Josué de Castro, um homem que não esperavam. Peço que me desculpem. Em segundo lugar, só depois da minha

em 20/4/64

Prova n.º 75

Saída em 28/2/04



chegada a Genebra fiquei a saber que deveria fazer uma conferência — e não pude prepará-la de forma condigna para a ocasião. Enfim, para conservar ao menos o

¹ Conferência de 8 de Setembro de 1960.

espírito das palavras que todos esperavam ouvir, resolvi manter o título da conferência de Castro, e é por isso que, se me permitem, vos apresentarei simplesmente algumas reflexões sobre o tema: «A Fome e a Paz».

Se numa cidade tão bem alimentada como Genebra consagramos dez dias ao estudo do problema da fome, é, suponho eu, com o fim de tornar os homens conscientes das suas responsabilidades de cidadãos do mundo. O nosso fim, se não estou em erro, é procurar soluções e encorajar uma atitude construtiva em face dessa questão. Já ouvimos falar de calorias, de proteínas, dos diversos graus de fome que existem no mundo. Todos sabemos como é difícil definir o problema no seu quadro planetário. Já ouvimos dizer em que medida se encontram ligadas as questões da fome e do desarmamento. A minha tarefa, esta noite, consiste em ir mais longe ainda, e procurar demonstrar, tanto quanto possível, que relações existem entre a fome e a preocupação que domina todas as outras: a da paz.

Antes de mais nada, gostaria de sublinhar o facto de que nos estamos ocupando de um fenómeno acerca do qual não temos a mínima experiência pessoal e que tentamos construir hipóteses sobre as reacções dos homens em face de uma experiência que nunca partilhámos e cujas consequências psicológicas apenas imaginamos. Sei que se encontram provavelmente nesta sala algumas pessoas que durante a guerra, ou em resultado de outras experiências, conheceram a fome. Mas essas excepções permanecem limitadas. Aqueles de entre nós que conheceram a fome sabiam que a sua experiência seria apenas temporária, que duraria somente até ao regresso a uma vida normal. As suas reacções não podem ser comparadas às dos que começam a vida a chorar com fome e sabem — se é que se pode saber alguma coisa nessa idade — que a sua fome continuará insatisfeita até à morte.

Quando encontramos pessoas que confundem as cores ou não gostam de música, podemos avaliar, segundo as nossas impressões pessoais, aquilo de que elas estão privadas. É diferente quando essas pessoas sofrem de fome endémica. Posso afirmar que me aconteceu muitas vezes, nas aldeias de Java ou da Índia, do Pacífico ou da América latina, perguntar se chegaria um dia a compreender o pensamento e o raciocínio, as emoções ou as reacções, dos homens e das mulheres que desde o nascimento foram privados de certas substâncias químicas, indispensáveis à vida normal, e que, segundo todas as probabilidades, delas continuarão privadas até à morte. No entanto, são as suas reacções e o seu comportamento que vamos hoje examinar.

Perante um problema tão decisivo para o futuro do mundo como é o da paz, a primeira coisa a notar é que a fome, nos seus diversos graus, faz parte da vida do nosso planeta, desde a Irlanda até à China, passando pela Índia, sem falar nos Índios da América latina que abandonaram as suas cidades.

Há centenas de anos que a fome aniquila milhões de pessoas, mas é hoje, nos meados do século XX, começamos a ligar importância ao caso. Porquê?

Aqui há algumas semanas, enquanto trabalhava no meu último livro sobre a China, tive de folhear a colecção completa do *Times*, de Londres, desde 1800 até 1900. Embora isso se não relacionasse directamente com as minhas investigações, fi-

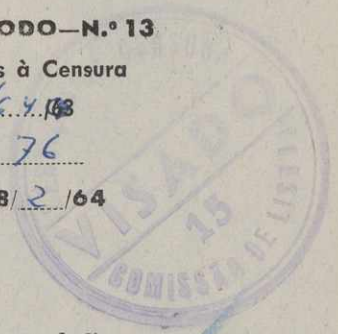
COMISSÃO DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 19/4/64

Prova n.º 76

Saída em 28/2/64



quei impressionado com alguns pequenos artigos dispersos acerca da fome na Índia. Eram curtos escritos, relatando os factos em toda a sua crueza, por vezes até com uma certa ironia. Um desses artigos dizia: «...as crises de fome, que se afirmava haverem desaparecido estão, ao que parece, a voltar...» Quase sem excepção, os artigos terminavam com uma nota tranquilizadora: as autoridades tomaram as medidas necessárias. Mas, tendo em conta a lentidão das comunicações dessa época, deixava-se ao leitor a liberdade de imaginar se as medidas em questão tinham em vista atenuar a fome, ou se visavam apenas que esta não perturbasse a ordem pública... Em todo o caso, esses pequenos artigos revelavam um estranho desprendimento: nenhuma alusão faziam à solidariedade, nem à responsabilidade moral, nem às eventuais consequências susceptíveis de inquietar os súbditos da rainha Vitória. Hoje em dia, tudo mudou. A melhor prova é a nossa presença aqui. Mas então, repito, porquê?

Existe, bem entendido, uma resposta evidente: as comunicações modernas, já disse isso muitas vezes, tornam-nos testemunhas das misérias que até hoje a distância camuflava. A descolonização contribui para suprimir a camuflagem. O crescimento rápido da população do mundo alarga ainda mais as dimensões do problema. Enfim, a caridade competitiva, subproduto da rivalidade das grandes potências, introduz elementos morais nesses domínios acabados de descobrir.

Mas esses factores todos não bastam para explicar que a fome ameace ter consequências directas sobre o futuro da paz mundial.

Não é meu intento negar as forças nem as paixões desencadeadas por um crescimento rápido da população quando o não acompanha o crescimento paralelo da produtividade. Mas, dito isto, a fome em si não é dinâmica. Muito pelo contrário, a fome provoca a apatia, a indecisão, a indiferença, a fraqueza biológica, numa palavra, tudo o que constitui o oposto da agressividade. E, sobretudo, a fome, mesmo quando se traduz pela violência, nunca é organizadora. Enfim, os meios técnicos da opressão desenvolvem-se mais rapidamente ainda do que o número de seres humanos a alimentar ou do que a paixão que a sua fome suscita. Podemos abrir os jornais da Índia, não importa em que dia, e leremos muito provavelmente que numa cidade qualquer, algures nesse vasto país, foram abatidos alguns manifestantes. Teria fome essa gente? Não o sabemos.

Onde reside então o problema? Se as comunicações rápidas, a descolonização, o crescimento acelerado das populações, se tudo isso junto não consegue transformar a amargura da fome numa força agressiva, susceptível de ameaçar a paz, onde está então o perigo de que falávamos?

Peço desde já desculpa de expor, em resposta a esta pergunta, uma opinião puramente pessoal. Acredito que as forças explosivas criadas pela fome são controláveis. Irei mesmo mais longe: quando se não trata de fome absoluta, mas apenas de insuficiência de nutrição, podemos habituar-nos à fome. Existem centenas de milhões de concidadãos deste planeta que foram obrigados a habituar-se à fome: a capacidade de adaptação do homem permite-lhes isso.

A única coisa a que não nos podemos habituar é à humilhação. A fome torna-se insuportável quando se identifica, no espírito dos homens, com a humilhação. Se a fome de há alguns anos para cá se tornou um problema explosivo, isso deve-se ao facto de haver aumentado o número dos homens que a consideram como uma humilhação.

Na realidade, o nosso problema inicial não consiste em saber a razão por que, em meados do século XX, a fome se tornou o problema central do nosso planeta.

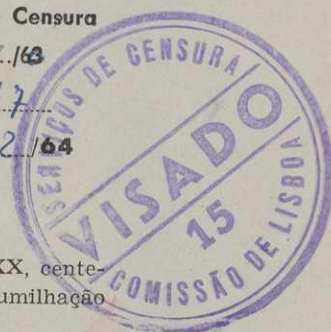
MINISTÉRIO DE SEJUM
 COMISSÃO DE CENSURA
 CORTADO

Provas remetidas à Censura

em: 10/9/64

Prova n.º 77

Saída em 28/2/64



mas mais exactamente em apurar o motivo por que, em meados do século XX, centenas de milhões de indivíduos passaram a considerar a sua fome como uma humilhação intolerável.

Permitam-me que situe rapidamente o problema no seu quadro mundial.

A modernização e a industrialização das nossas sociedades iniciou-se há três séculos, e mais tarde atravessou o Atlântico, partindo da Europa do Noroeste, para constituir aquilo a que hoje se chama a sociedade ocidental. É uma sociedade bem alimentada. Conseguiu transformar-se, modernizar-se e equipar-se com todos os instrumentos do bem-estar material antes que a sua população começasse a aumentar rapidamente em consequência desses progressos.

Mas se nos ocuparmos agora das revoluções industriais ocorridas fora do Ocidente que surgiram mais tarde, verificaremos que elas se operaram em condições totalmente diversas. A primeira dessas grandes transformações extra-ocidentais produziu-se no Japão. O Japão demorou mais ou menos oitenta anos para realizar o que o Ocidente fizera em três séculos. A segunda dessas revoluções extra-ocidentais é a da Rússia, que gastou quarenta anos para industrializar e suprimir a fome de uma população já em pleno crescimento. A terceira e última dessas grandes transformações extra-ocidentais está em vias de revolucionar a sociedade mais numerosa do mundo, de a industrializar, de a modernizar e de a pôr ao abrigo da fome. As primeiras tarefas efectivaram-se numa dezena de anos. A China necessitará ainda de dez ou talvez de vinte anos para a conduzir a bom termo. Em todo o caso, a aceleração é evidente.

As massas são cada vez mais apressadas, e a fome incita-as a realizar o mais rapidamente possível aquilo que o Ocidente pôde fazer com todo o conforto, quando não tinha nenhum rival e se apoiava em todos os recursos do planeta.

Ora, se nos debruçamos sobre essas regiões do mundo que se emanciparam, que se modernizaram, que se equiparam com indústrias actualizadas, e que dessa forma conseguiram banir o aspecto da fome, verificaremos que todos esses países formam em volta do globo uma faixa contínua que chamaremos a zona temperada do hemisfério norte. Da esquerda para a direita, os Estados Unidos, a Europa, a Rússia, a China, o Japão, constituem essa «faixa mágica» na qual os homens conseguem alimentar-se convenientemente. Essa faixa fica aproximadamente compreendida entre os paralelos 30 e 60°. Do outro lado do globo, entre as mesmas latitudes, a situação é análoga. Mas como os continentes vão estreitando para o sul, no hemisfério sul só existem, entre essas latitudes, faixas de terra relativamente estreitas, muitas vezes habitadas por homens brancos que trouxeram consigo a sua civilização e as suas ferramentas: é o caso da Austrália do Sul, da extremidade sul da África, da extremidade sul da América latina, que no conjunto totalizam menos de 100 milhões de habitantes. Em contrapartida, na «faixa mágica» do hemisfério norte contam-se cerca de 1500 milhões de indivíduos, ou seja metade da raça humana. Os Estados Unidos, o Canadá e certas partes da Europa têm excedentes de produtos alimentares. A Rússia basta-se a si própria. O Japão importa um quinto dos géneros alimentícios que consome, mas normalmente é capaz de compensar isso com a exportação dos seus produtos industriais. A China conseguiu enfim libertar-se da fome e aumenta a sua produção de géneros alimentícios muito mais rapidamente do que a população; começa mesmo a fabricar utensílios para cultivar as terras ainda não utilizadas.

Apesar de algumas excepções isoladas que vão do extremo da Europa até à Grécia, ou ainda em certas regiões da China, essa faixa mágica da zona temperada

COMISSÃO DE CENSURA
(SÉBEBE)
CORTADO 77



do hemisfério norte está ao abrigo da fome, ou porque consegue produzir internamente os géneros de que tem necessidade, ou porque possui qualquer coisa que pode dar em troca aos países que lhe fornecem os produtos alimentares.

O nosso problema — o problema da fome e da ameaça que ele pode apresentar para a paz — encontra-se portanto geográficamente localizado entre os 1500 milhões de habitantes da outra zona temperada no hemisfério sul. Por outras palavras, o *essencial* do problema da fome e da ameaça que ele constitui para a paz acha-se concentrado nas zonas tropicais ou subtropicais do nosso globo que albergam a outra metade da humanidade.

Os 1500 milhões de homens fixados nessas zonas intermediárias, que na sua grande maioria não efectuaram a sua revolução industrial e científica, carecem de máquinas e de utensílios que lhes permitam fazer avançar a produtividade da terra ao ritmo do crescimento da população. E a eles também que faltam os produtos para trocar pelos géneros alimentícios que lhes facultariam uma vida normal.

Não é desprovido de interesse histórico o facto de esses 1500 milhões de seres humanos habitarem precisamente as regiões do mundo que haviam sido colonizadas pelos homens que primeiro realizaram a modernização da sociedade, os homens do Ocidente. As zonas do globo constantemente ameaçadas pela fome são portanto, justamente, as zonas cuja evolução foi, durante estes últimos séculos, moldada pelos Ocidentais.

Se insisto neste ponto, não é de modo algum para formular um juízo de natureza moral acerca dos méritos ou dos erros da colonização. Mas esse ponto parece-me importante; primeiro, porque centenas de milhões de pessoas julgam que a sua fome e a sua insuficiente nutrição não deixam de estar ligadas historicamente à era colonial; e, segundo, porque em qualquer caso eles se sentirão cada vez mais encorajados a acreditar nisso.

Mas se observarmos essas zonas tropicais e subtropicais do globo situadas de um e de outro lado do equador verificamos que os diversos graus de fome se encontram aí desigualmente repartidos. Existem imensas regiões cuja população é pouco densa e onde os recursos bastam para satisfazer as necessidades de uma alimentação mal equilibrada. O problema, aqui, é mais uma questão de qualidade do que de quantidade. Existem outros países, nessas zonas intermediárias, onde o número dos habitantes começa a ser excessivo para os recursos disponíveis. Enfim, nessa mesma zona situam-se países cuja população é há muito tempo excessiva para os géneros disponíveis, onde a fome permanente, generalizada, ceifa milhões de vidas.

Mas o importante é que os países desta terceira categoria, nos quais a fome se encontra instalada em estado endémico, ocupam geográficamente posições-chaves. Em consequência das suas dimensões ou do número dos seus habitantes, eles condicionam o clima político e também, portanto, o futuro social e político, de regiões imensas. Se os países situados entre a Índia e a Indonésia, por exemplo, produzem géneros alimentícios em quantidade suficiente para se bastarem a si próprios, pelo menos para manterem um desequilibrado regime alimentar, outro tanto se não pode dizer de Java. Essa pequena ilha alberga 60 milhões de homens e condiciona o futuro social do resto da Indonésia, juntamente com o das outras ilhas menos povoadas. Também a Índia e o Paquistão influenciam a evolução dos outros países da Ásia do Sul. No próximo Oriente, é a evolução do Egipto, país superpovoado, que determina a do resto da zona. Do mesmo modo, é a futura situação social da Argélia que condiciona a do resto da África do Norte. Ora, tanto no Egipto como na Argélia, a popu-

COMISSÃO DE CENSURA
(C. C. C.)
CORTADO
72

Provas remetidas à Censura

em 20/4/64

Prova n.º 79

Saída em 28/2/64



lação é já em número excessivo para os recursos alimentares disponíveis. Deparam-se-nos situações análogas em certas áreas da América do Sul, numa grande parte do Brasil e da costa do Pacífico da América do Sul, onde apenas a segregação racial consegue ocultar aos olhos do visitante a fome das populações índias.

No interior das regiões tropicais e subtropicais do mundo, onde a fome e a deficiência de nutrição se acham muito espalhadas, existe aquilo que se poderá denominar *uma cadeia interior* dos Estados particularmente expostos e particularmente explosivos, nos quais o problema se põe de modo particularmente urgente. Java, a Índia, o Paquistão, o Egipto, as Antilhas, o Brasil e o Peru constituem essa perigosa cadeia dos problemas da fome.

Nos países que formam essa cadeia interior, a busca de soluções reveste-se já de uma fisionomia política. Nos outros países da região, o problema talvez surja com menos urgência. Seja como for, o número de habitantes aumenta rapidamente, e quase se poderia calcular o momento em que a busca de uma solução se irá manifestar aí sob uma forma política explosiva.

Mas não será possível, antes de avançarmos, resumir este punhado de generalizações?

As duas zonas temperadas do hemisfério norte e sul resolveram por si próprias o problema da sua alimentação, ou acham-se em vias de o resolver, ou então dispõem de recursos para o solucionar mediante o sistema normal das trocas comerciais. Entre estas duas zonas, porém, metade da humanidade sofre de subalimentação ou experimenta uma fome real, com a certeza de que aqueles que agora apenas estão mal alimentados em breve irão engrossar o número dos que morrem de fome. O destino de todas estas zonas tropicais ou subtropicais esteve durante um período mais ou menos largo entre as mãos do homem ocidental, do homem branco. Por conseguinte, todos os países destas regiões foram integrados na estrutura política, económica e comercial criada pelo homem ocidental. Na época em que este dominava sozinho os destinos do globo e podia amoldar as instituições aos seus interesses, e enquanto essa dominação não foi posta em causa, a subalimentação e a fome puderam ser relegadas, nos jornais, para a secção das notícias sem importância, como fazia o *Times* no século XIX. Hoje, a situação modificou-se. E essa mudança deve-se a dois factores decisivos.

Um desses novos factores, como todos sabemos, pertence ao domínio das ciências médicas. A verdade é que o superpovoamento e a fome que ele veio agravar não teriam só por si conseguido derrubar as barreiras do colonialismo. A Índia experimentou grandes crises de fome durante pelo menos dois séculos, antes do fim da era colonial. Na Índia, como em muitas outras regiões do mundo, a fome gerou a violência, mas uma violência privada de conteúdo social. Era a revolta do desesperado, que a polícia ou o exército bastam para dominar.

O segundo factor importante, o factor decisivo, foi a *dispersão do poder*, a partir do seu centro ocidental, em torno do hemisfério norte. Em vez de possuir um único centro de poder, como no século XIX, o nosso mundo possui agora vários, que rivalizam entre si. Mais ainda, as novas potências extra-ocidentais, que disputam ao Ocidente esse monopólio do domínio mundial, alcançaram a sua actual posição graças a métodos de modernização e de emancipação absolutamente diferentes dos que haviam transformado as sociedades agrícolas ocidentais em modernas sociedades industriais. Com efeito, os métodos extra-ocidentais tinham de ser por força diferentes. O seu objectivo era realizar, em luta com o zelo dos concorrentes, aquilo que, o Ocidente

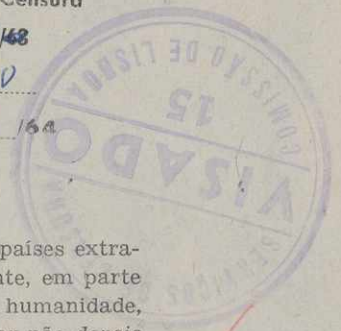
COMISSÃO DE CENSURA
(SEDE)
CONTADO

Provas remetidas à Censura

em 10/4/68

Prova n.º 80

Saída em 22/2/68



realizara sem pressa e sem estar a ser perturbado por nenhum rival. Os países extra-ocidentais viam-se coagidos a actuar mais rapidamente do que o Ocidente, em parte devido à sua natural impaciência por alcançar a minoria privilegiada da humanidade, em parte também porque a modernização extra-ocidental se devia efectivar não depois da grande expansão demográfica, como no Ocidente, mas *simultaneamente*.

Em virtude de todas essas razões, os métodos extra-ocidentais de modernização exigiram e produziram técnicas sociais muito diferentes das que o Ocidente empregara. Essas novas técnicas tiveram de conseguir que se realizasse, no espaço de uma geração, o esforço físico e a adaptação mental que o Ocidente demorara muitos séculos a efectivar. Portanto, essas novas técnicas tiveram de conseguir que se realizasse, no espaço de uma geração, o esforço físico e a adaptação mental que o Ocidente demorara muitos séculos a efectivar. Portanto, essas novas técnicas sociais deviam, simultaneamente, ser mais rápidas e, inevitavelmente, mais caras em esforço humano.

Com efeito, verificamos que a duração das três transformações extra-ocidentais foi diminuindo: ainda cerca de um século para o Japão, uns quarenta anos para a União Soviética, e é possível que o espaço de tempo se encurte mais ainda no caso da China. Verifica-se, portanto, de um lado, a aceleração da marcha forçada, e, por outro, a sua crescente dureza.

O importante, porém, é que essas transformações extra-ocidentais produziram um novo método de emancipação e de modernização totalmente diverso do usado pelas nações ocidentais. O aparecimento de novos métodos de emancipação provocou a liquidação do regime colonial. A fome passiva, de uso na ordem mundial do Ocidente, tornou-se dinâmica desde que se apercebeu da existência de outros métodos, métodos esses que não eram os do Ocidente. Esses novos métodos puseram termo à submissão e à impotência reinantes no passado, que eram dois aspectos da humilhação.

Foi a partir desse momento que a fome se transformou numa força suficientemente dinâmica para ameaçar a paz mundial. Essa fome dinâmica, logo de início associada à humilhação, estende lentamente a sua sombra desde os países já contaminados pela fome até aos que atingirão provavelmente essa etapa num futuro previsível. A ameaça não se apresenta sob a forma de hordas famélicas, vestidas de andrajos, correndo ao assalto das nossas fronteiras. A ameaça não se reveste destas formas pitorescas, mas demasiado simplistas. A verdadeira ameaça reside antes na crescente vontade, que domina todas estas massas, de pôr fim à sua humilhação e de derrubar os obstáculos das estruturas internas e externas que entravavam a emancipação da sua própria sociedade; de eliminar estes obstáculos de modo que a sua sociedade se torne capaz de mobilizar os seus próprios recursos e de assimilar a ciência e a organização social para pôr fim à sua pobreza, à sua fome.

É-me indispensável utilizar ainda mais vezes a palavra «estrutura». Com efeito, trata-se aqui de duas espécies de estruturas: uma é a *estrutura social interna* de cada país; a outra é a *estrutura mundial*, construída pelo Ocidente durante o período em que dominou o mundo, ou, mais exactamente, aquilo que ainda resta dessa estrutura ocidental. A primeira, a estrutura social interior de cada país, compreende todo o mecanismo de produção e de distribuição, a resistência das instituições vigentes, o papel das tradições e a utilização ou o esbanjamento de recursos que daí resultam. A segunda, a estrutura mundial, diz respeito ao mecanismo do comércio internacional, às regras financeiras e comerciais das trocas, às ideias políticas e sociais que esse sistema encoraja ou desencoraja, assim como a toda a trama de apoios directos e indirectos que essa estrutura mundial fornece aos seus partidários dentro das estru-

COMISSÃO DE CENSURA
 VISADO
 15
 79

Provas remetidas à Censura

em 16/8/64

Prova n.º 87

Saída em 28/2/64

turas nacionais. As duas estruturas são interdependentes. A primeira é reforçada pela segunda, e vice-versa. Se uma das estruturas componentes enfraquece, também as estruturas mundiais no seu conjunto enfraquecem. Mas falta mobilidade à relação. Se uma estrutura nacional viola as regras da estrutura internacional, a adaptação não é possível. A estrutura dissidente tem de ser excluída.

A história de Cuba, a que acabamos de assistir, é um exemplo instrutivo do desenrolar desse processo.

Como todos sem dúvida já notaram, evitei o recurso a argumentos ideológicos, e gostaria de perseverar no mesmo caminho. Suponhamos simplesmente, portanto, que as pessoas que conceberam as transformações estruturais de Cuba no momento actual eram patriotas que, com razão ou sem ela, desejavam adoptar técnicas sociais diferentes daquelas que a experiência clássica do Ocidente lhes oferecia. Suponhamos também que eles agiram assim porque desejavam tornar o seu país economicamente menos vulnerável, que queriam industrializá-lo, modernizá-lo, ou simplesmente que tinham em vista impulsionar a sua transformação para que fosse capaz de produzir não apenas açúcar e casinos, mas também produtos alimentícios em quantidade suficiente para satisfazer todos os seus habitantes.

Tudo quanto podemos observar é que, desde que eles recorram a essa técnica extra-ocidental para atingirem o seu fim, foram esbarrar contra as regras políticas, sociais e sobretudo económicas do mundo moldado pelos Ocidentais. Em lugar de uma reconciliação, surgiu o divórcio. Em vez de obterem uma solução de compromisso, os Cubanos viram-se excluídos da estrutura ocidental. A estrutura mundial do Ocidente revelava-se portanto incapaz de tolerar que um seu membro violasse as suas regras no seio da sua própria estrutura social interna.

Antes de ir mais longe, impõe-se uma pergunta:

Imaginemos que outros países e outros povos estejam animados de aspirações análogas às dos dirigentes cubanos. Imaginemos ainda que, pelo menos do ponto de vista do interesse nacional ou do da dignidade humana, o seu objectivo se justifique. Serão esses países e esses povos, cujo número cresce de dia para dia, capazes de atingir as suas justas aspirações dentro da estrutura mundial moldada pelo Ocidente? Ou serão também excluídos, condenados a trocar a transformação da sua estrutura interior pela ruptura com o sistema ocidental no seu conjunto?

Trata-se, conforme é evidente, do equilíbrio de poder do mundo. Mas, para tentar uma resposta, devemos primeiro ver até que ponto o auxílio ocidental contribuiu já para a realização de quaisquer aspirações justificadas. Claro que não tenho a intenção de desfolhar aqui o enorme *dossier* da ajuda ocidental aos países subequipados. Podemos, quando muito, lançar um olhar para um dos seus aspectos — a contribuição do Ocidente na luta contra a fome.

Creio que estamos todos de acordo quanto aos dados básicos deste problema. Todos concordamos que a fome e a pobreza são gémeas e que se não pode atacar uma sem atacar ao mesmo tempo a outra. O verdadeiro auxílio, portanto, consiste não em oferecer uma refeição ao faminto, mas sim em o ajudar a produzir ele próprio o seu alimento.

Para se conseguir isso, os países pobres, conforme hoje de um modo geral se admite, necessitam de uma revolução científica. Essa revolução compreenderá reformas de estrutura; uma industrialização que lhes possibilitará o fabrico de máquinas agrícolas e de adubos; a construção de laboratórios e de escolas, que preparam engenheiros e contramestres; uma reforma agrária que dê ao produtor o gosto pelo tra-

TEMPO DE CENSURA
 (16/8/64)
 25
 CORTADO

em 20/4/64/13

Prova n.º 2

Saída em 28/4/64



balho; um crédito rural que o liberte da garra dos usurários; uma revolução do ensino e da informação pública, que substitua a superstição e a ignorância pelas ideias racionais; e, enfim, uma reforma social que traga consigo a esperança indispensável para sustentar o esforço das massas mobilizadas numa enorme tarefa construtiva.

Em todos estes processos, e sobretudo nos países já superpovoados, o auxílio externo nunca pode substituir o esforço e a organização interior, e a ajuda ocidental para encorajar todas estas mudanças deveria ser tão importante como o auxílio puramente económico. Sem estas reformas antecipadas, e sem o encorajamento externo para as realizar, o auxílio ocidental está condenado a ser injectado num quadro social que não se encontra preparado para o utilizar de forma construtiva.

Aqueles de entre nós, aqui presentes, que visitaram os países economicamente subdesenvolvidos, tiveram ensejo de observar com tristeza que a maioria das vezes o nosso auxílio ocidental, em vez de encorajar as reformas indispensáveis, serve mas é para estabilizar regimes e estruturas totalmente incapazes de proceder a uma utilização construtiva da ajuda externa. Não tenho na verdade a intenção de diminuir a importância quantitativa da assistência já fornecida pelo Ocidente, ou de pôr em dúvida as boas intenções que a inspiram. Muitas vezes admirei nos próprios locais a dedicação dos técnicos ocidentais enviados por alguns organismos, como a F. A. O. ou o O. M. S. No entanto, estou profundamente convencido de que teria sido possível obterem-se resultados muito mais importantes com muito menos dinheiro, se porventura se tivesse atendido às prévias condições sociais e políticas indispensáveis ao êxito.

Penso que me não levarão a mal se comparar o trabalho destas organizações internacionais com a abertura de uma clareira em plena selva. É uma obra de vulto cuja importância se pode medir. Mas esta obra acha-se realizada num meio sociológico adverso. Não faz parte orgânica do meio social. Assim que a clareira fique entregue a si própria, a selva recupera sem remorso o terreno que perdera. O agrónomo, o técnico e o médico regressam a casa e a selva da inércia, dos hábitos, da rotina, em breve inutiliza o que se havia tentado fazer. Os resultados positivos tendem a apagar-se, e deste modo voltamos mais uma vez à questão essencial das reformas de estrutura.

Com efeito, se percorrermos com os olhos os países tecnicamente atrasados, verificamos inevitavelmente que o auxílio ocidental apenas consegue resultados importantes nos Estados de pequenas dimensões e de escassa população, onde o problema da fome ainda não é agudo. Infelizmente, não existe um único exemplo de país subdesenvolvido que tenha logrado efectuar um arranque económico, alcançar a passagem à modernização, à industrialização, apoiando-se nos nossos métodos e na assistência ocidental.

Quanto aos grandes países superpovoados — esses países que constituem a cadeia interior politicamente decisiva —, o Ocidente tem-se mostrado até agora quase totalmente incapaz de modificar a sua trágica situação. Na realidade, as regras do comércio ocidental actuaram de forma tal que a ajuda que aqueles países teriam podido obter era praticamente anulada pelo mecanismo da estrutura económica da ordem ocidental. O auxílio que o Ocidente, no seu conjunto, forneceu às nações subequipadas, desde 1945 para cá, é inferior ao lucro que os países ocidentais, no seu conjunto também, tiveram, graças ao enfraquecimento da corrida às matérias-primas provenientes dos países assim ajudados.

Mas deixemos por agora de parte o problema das regras do comércio internacional. Enquanto fomentarmos o consumo, pelas massas, de artigos de luxo, total-

REMITIDOS DE BELGICA
(1964)
CORTADO
6



mente inúteis; enquanto as fábricas de aço da maior nação industrial do Ocidente estiverem a dar metade do seu rendimento por falta de encomendas; e também, porque não dizê-lo, enquanto os sindicatos reclamarem, antes de mais, a redução das horas de trabalho — enquanto isto durar, poderemos em boa verdade afirmar que fazemos um verdadeiro esforço para facilitar os esforços que de nós esperam os países subequipados?

Mas isto não é tudo. Não se pode negar que a atenção do mundo científico ocidental se concentra em problemas que nada têm que ver com as verdadeiras necessidades dos países subdesenvolvidos. Preparamos técnicos e sábios para a construção de foguetões, para a electrotécnica, ou para outros aperfeiçoamentos susceptíveis de tornarem ainda mais ricas as nações já ricas. Entretanto, metade da humanidade necessita de agrónomos, de geólogos, de divulgadores científicos e de técnicos de organização.

Se, como é provável, o auxílio aos países subdesenvolvidos vier a ser aumentado numa proporção até agora nem sequer imaginada, é evidente que não estamos a preparar o pessoal indispensável para lhe dar execução.

Estabilizar os preços das matérias-primas, criar um mecanismo susceptível de facultar aos países pobres um regime de trocas mais vantajoso, modificar o sistema das trocas internacionais de modo a suprimir essa igualdade fictícia que na prática prejudica o mais fraco, eis os domínios decisivos onde, depois de tantos anos de fogos de artifício oratórios, não fizemos nenhum ou quase nenhuns progressos.

De facto, a nossa situação, se me permitirem que use uma metáfora talvez um pouco crue!, assemelha-se muito à de alguém que estivesse no cimo de uma escada rolante a trabalhar em sentido inverso. Observasse um homem a trepar por essa escada, a quatro e quatro degraus, para se lhe reunir nessa plataforma privilegiada. O pobre homem corre o mais que pode, mas permanece sempre no mesmo sitio. Somos nós, porém, que regulamos o motor que faz andar a escada no mau sentido. É a força motriz da nossa ordem ocidental, com todas as suas regras económicas, sociais e políticas. As escassas fatias de pão que atiramos a esse homem que sobe a escada contra a corrente em nada contribuem para que os seus esforços deixem de estar condenados a uma inutilidade quase absoluta, e são dadas apenas com o fim de servir, conscientemente ou não, o nosso interesse e o conforto de todos nós.

Somos accionistas, no sentido figurado, da ordem ocidental, da estrutura ocidental que determina as estruturas nacionais. E com o nosso consentimento que se regula a velocidade dessa escada rolante. E é contra o nosso interesse de contribuintes ou de consumidores ocidentais que as regras dessa estrutura mundial são repudiadas.

Peço licença para evocar dois exemplos que ilustram as minhas generalizações: a China e a Índia.

A fome na China não data de ontem. A cólera cega que ela engendrou teve como consequência, tanto na China como noutros países, a eclosão de numerosas revoltas de camponeses. Tratava-se sempre, no decurso dos séculos, de satisfazer uma fome biológica. Matavam-se entre si e desapossavam os proprietários rurais, mudava-se mesmo de dinastia. Mas os proprietários e os administradores-intelectuais (os mandarins) arranjavam sempre maneira de se aliarem ao novo regime. E as coisas regressavam progressivamente ao primitivo estado.

A verdadeira reforma começou no primeiro quartel do nosso século, em consequência dessa dupla causa bem conhecida: por um lado, a população aumentava com demasiada rapidez; por outro, o avanço industrial nipónico e a planificação económica

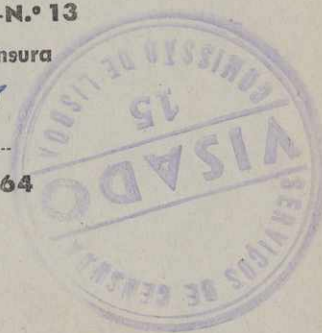
SERVÍCIO DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 10/4/64

Prova n.º 24

Saída em 28/2/64



da U. R. S. S. provavam que existia um método de emancipação diverso do do Ocidente. Esses dois elementos transformaram o furor inerte dos esfomeados numa acção dinâmica filha da humilhação, numa busca dinâmica de processos capazes de suprimirem as causas da fome. Face a esses dois novos elementos, a antiga sociedade não podia oferecer o quadro necessário às transformações. No entanto, a China recebeu do Ocidente mais assistência material do que qualquer outro país subdesenvolvido. O regime de Chiang Kai-Chek obteve do Ocidente uma ajuda financeira superior à totalidade do Plano Marshall. Mas essa ajuda financeira tinha como fim conservar de pé uma estrutura social que deixara de ser capaz de fornecer as soluções que o problema da fome exigia. A verdade é que, para resolver o problema, a China necessitava de técnicas sociais e de estruturas económicas que se revelaram incompatíveis com a ordem económico-social inspirada pelo Ocidente.

Com a fatalidade de uma tragédia grega, a obrigação de adaptar as estruturas provocou uma ruptura com o Ocidente e forçou a China a emancipar-se segundo métodos não ocidentais e fora da ordem ocidental.

É muito instrutivo proceder à comparação entre esta história recente e aquilo que se passa hoje na Índia. A Índia vai em breve iniciar o seu 3.º plano quinquenal. Os progressos económicos são desiguais; mais rápidos no domínio da indústria, no entanto modestos em comparação com os da China. Após dez anos de planificação, a Índia ainda tem necessidade de ajuda externa, e numa escala cada vez maior. No decurso dos cinco próximos anos, a Índia espera receber do estrangeiro 5 ou 6 biliões de dólares para com isso atingir um ritmo de desenvolvimento económico inferior a metade do da China. Enquanto espera, a Índia sofre um período de desemprego maciço, e, apesar de alguns progressos no domínio da industrialização, quase todos os problemas de base permanecem insolúveis.

Como todos sabemos, três quartas partes dos Indianos vivem da agricultura. René Dumont explicou-nos aquilo que o relatório dos peritos de Fundação Ford revela. Esses peritos advertiram a Índia de que dentro de três ou quatro anos se encontrará em face de uma crise de fome que poderá vir a ser a mais terrível de toda a sua história, já bastante dolorosa. Até esta data, os Estados Unidos já ofereceram aos Indianos, conforme René Dumont nos explicou, 17 milhões de toneladas de cereais, a entregar durante os três próximos anos. Isso não basta para satisfazer as suas necessidades. No entanto, é a mais vasta operação de auxílio que se conhece em toda a história.

Esta oferta, bem entendido, irá salvar algumas vidas. Mas, apesar de todo o respeito que tenho pela generosidade americana, pergunto a mim próprio se esses 17 milhões não servirão, uma vez mais, para adiar as reformas que deveriam ter sido feitas há muito tempo.

Desde há doze anos que me habituei a visitar a Índia, e recordo-me de que, desde 1948, todos os anos ouvi os dirigentes daquele país — sobretudo, bem entendido, antes das eleições — prometerem aos seus eleitores que no ano seguinte a Índia já não teria necessidade de importar cereais. Apesar disto, as quantidades que é preciso importar e as somas de dinheiro que é necessário desviar para essas importações aumentam todos os anos. Mas as assembleias centrais e provinciais da Índia estão cheias de proprietários rurais e de representantes directos ou indirectos dos interesses que lucram com a estrutura actual da exploração agrária. Dentro do quadro do sistema parlamentar democrático do tipo Atlântico Norte que nós aplaudimos na Índia, poder-se-á esperar que os deputados vão legislar a abolição dos seus próprios privi-

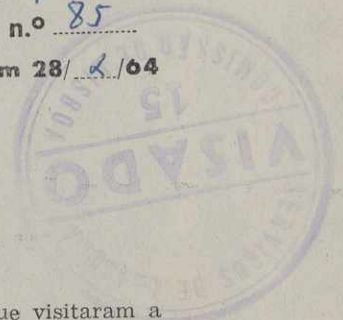
COMISSÃO DE CENSURA
(S. S. S. S.)
28
COPYADO

Provas remetidas à Censura

em 20/4/1963

Prova n.º 85

Saída em 28/2/64



légios?

No entanto, segundo o parecer dos peritos do Banco Mundial que visitaram a Índia, o país poderia produzir duas ou mesmo três vezes mais géneros alimentícios do que aqueles que produz actualmente. Claro que toda a gente conhece as estruturas que se opõem a esses progressos. Mas, para duplicar aí as descobertas da ciência moderna, e em condições sociais favoráveis, conforme se fez na China. Por outras palavras, é necessário proporcionar ao camponês indiano mais incitamentos, uma instrução mais completa, melhores utensílios e mais adubos. Seria necessário libertá-lo da pirâmide de exploradores que vivem à custa do seu trabalho. E se a estrutura actual e as instituições se revelarem incapazes de realizar isso, não virá um dia a suceder que os indianos esclarecidos perguntem a si próprios: não teremos nós de recorrer a técnicas sociais diferentes, a diferentes concepções económicas, a outras estruturas políticas e económicas, a fim de obtermos a mobilização da mão-de-obra e as únicas reformas capazes de libertarem o povo da permanente ameaça da fome?

E se essa necessidade de reforma estrutural se tornar realmente inevitável, assim como se tornou irresistível na China, terá uma tal evolução de implicar, fatalmente, que mais 450 milhões de homens cortem relações com o Ocidente?

A verdade é que nós observamos actualmente, na Índia, a existência de uma estrutura nacional que trava o progresso em certas direcções. Não estou convencido de que tenhamos a possibilidade ou o direito de ditar aos Indianos as mudanças que devem introduzir nas suas estruturas sociais e económicas. Mas o que podemos fazer, o que devemos fazer, é apurar que espécie de reforma estrutural, em nossa opinião, melhor os ajudaria a atingir o objectivo desejado, e depois tratemos de caminhar em frente, encorajando essas reformas, em vez de as travar.

Mas vejamos, naquilo que nos respeita, qual é o problema central.

Ser-nos-á possível facilitar essas reformas na Índia ou em qualquer outro país subdesenvolvido sem provocar importantes mudanças nas estruturas dos nossos próprios países? Por outras palavras, poderemos nós proteger os nossos interesses universais a longo prazo, sem sacrificar alguns interesses a curto prazo nas nossas próprias sociedades?

Tentemos explicitar melhor o problema. A estrutura internacional criada pelo Ocidente data de uma época em que o Ocidente era o único centro de poder no mundo. Este baseava-se no domínio. As estruturas nacionais que este domínio criara serviam os objectivos globais do Ocidente. Os interesses do Ocidente não eram, porém, forçosamente análogos aos das nações dominadas. Existia portanto uma contradição fundamental entre as estruturas internacionais e as nacionais. Esta contradição ficava escondida dentro da camisa de forças do sistema colonial. Com a descolonização, ela revelou-se de súbito aos olhos de toda a gente. E é essa contradição que hoje domina as nossas relações com o resto do mundo. Essa contradição situa-se mesmo no centro dos problemas que nos preocupam: continuamos a tentar reconciliar a dominação com a colaboração.

Mas enquanto persistirmos na tentativa impraticável de reconciliar a dominação com a colaboração, a verdadeira emancipação social e económica continuará a realizar-se mercê de técnicas que não são ocidentais. E aqueles que a elas recorrem continuarão a ver-se forçados a escolher entre o Ocidente e os únicos métodos susceptíveis de os ajudarem a realizar as suas justas aspirações.

Numa palavra, reside precisamente aí a raiz do problema. Foi isso que provocou as surpresas que nos vieram do Iraque, do Egipto; do Japão e da Turquia; da China

79
 CENSURA
 PORTADO

Provas remetidas à Censura

em 10/4/64

Prova n.º 86

Saída em 28/2/64

e de Cuba. Enquanto tentarmos pôr de acordo o que é por natureza inconciliável, continuarão a deparar-se-nos em toda a parte fracassos. E todos os homens que desejam sinceramente afastar dos seus países o espectro da fome se verão obrigados a voltar-nos as costas e a irem alinhar de outro lado, e contra nós.

Compreendo que haja quem se impaciente e pense que atiro a culpa de tudo para cima dos nossos ombros; que eu talvez esteja a exagerar o desejo e a capacidade dos países subequipados para realizarem o esforço indispensável; ou que, de um modo geral, estou a pôr-vos diante dos olhos um quadro demasiado pessimista.

Em primeiro lugar, faço empenho em sublinhar que não insisto neste momento em qualquer tendência consciente ou diabólica do Ocidente no sentido de impedir o desenvolvimento dos países pobres. Digo apenas que muitas vezes, mesmo sem disso nos darmos conta, concedemos o nosso apoio a estruturas e sistemas políticos e económicos que se revelam incapazes de resolver os problemas mais urgentes das sociedades. Se agimos desta forma, é apenas por medo da mudança, porque preferimos a rotina, ou porque sobrepomos o nosso próprio conforto à segurança dos nossos filhos.

O verdadeiro perigo que ameaça a paz não provém da possibilidade de as massas esfomeadas se lançarem contra os nossos maravilhosos instrumentos tecnológicos de morte colectiva. Não. O verdadeiro perigo reside no facto de que vão sendo cada vez mais numerosos os países que se vêem coagidos a escolher outro método de emancipação, tornando assim maior o isolamento do Ocidente. Isso poderá mudar rapidamente o equilíbrio das forças do mundo, convencendo os nossos adversários de que a agressão deixou de ser uma empresa perigosa; ou então, o próprio Ocidente, assustado com o seu crescente isolamento, poderia recorrer um dia a um gesto de desespero que se lhe afigurasse capaz de deter a ameaçadora evolução do mundo.

No que respeita à capacidade ou ao desejo real das massas subequipadas para aceitarem o esforço necessário e a disciplina indispensável à sua emancipação, admito sem dificuldade que aos nossos olhos se oferecem, a esse respeito, exemplos bem decepcionantes. Mas, antes de os condenar, poderemos nós afirmar que demos a esses povos uma oportunidade real de iniciarem a tarefa hercúlea que os esperava? De se libertarem dos obstáculos impostos pelo exterior? Ou, então, que encorajamos, entre eles, a aplicação dessas técnicas sociais eficazes, oferecendo-lhes ao menos o efeito anestésico do nosso auxílio para tornar menos dura a inevitável marcha forçada?

Permitam-me que termine com uma nota pessoal. Sucede comigo o mesmo que com o meu bom amigo René Dumont: também não sou pessimista. Pelo contrário. Há peritos que calculam que o nosso planeta é capaz de alimentar 10 ou talvez até 15 biliões de homens. Colin Clark, o economista australiano, pensa que, se os métodos hoje usados na Holanda pudessem ser aplicados a todos os países do mundo, o nosso planeta conseguiria alimentar cerca de 26 a 27 biliões de indivíduos. Talvez ele seja demasiado optimista. Em todo o caso, hoje ainda só vamos no quarto bilião. Mas, para sustentar todos os que vêm chegando sem pôr em risco a paz mundial, a caridade não basta.

Se os sábios nos dizem que o mundo tem possibilidades de alimentar uma população de três ou quatro vezes superior em número à actual, se esses sábios nos comunicam uma mensagem que ultrapassa o seu parecer técnico, isso significa que a tarefa de alimentar uma população mundial em constante crescimento constitui um problema financeiro e, primeiro do que tudo, um problema político.

Isto implica um sistema económico mundial capaz de permitir que os povos economicamente atrasados, em vez de mendigarem, *ganhem* os capitais de que neces-

(SEBE)
CORTADO
20

Provas remetidas à Censura

em 10/9/64/68

Prova n.º 37

Saída em 28/2/64

sitam para modernizar os seus países. Isto implica a existência de uma filosofia ocidental coerente, no que respeita aos países subequipados, uma filosofia liberta da contradição entre a necessidade de dominar e de colaborar. Isto implica que a nossa economia liberal, o nosso sistema de livre iniciativa², só era viável porque a maior

² No original francês, «laissez faire». (N. do T.)

parte da humanidade estava impedida de ter iniciativa, o que seria a favor dos seus interesses. Isso implica também que a não-intervenção nos assuntos internos dos Estados, princípio que nós pregamos — enquanto, aliás, controlamos todos os pormenores da sua economia, ou dotamos o seu território de bases militares —, seja substituído por uma intervenção franca, discreta, mas desta vez confessada, e no interesse da maioria. Isto implica ainda que as nossas noções de rendimento devem ser substituídas por uma nova definição desse conceito que venha a estabelecer-se em função do futuro dos nossos filhos inclusivamente.

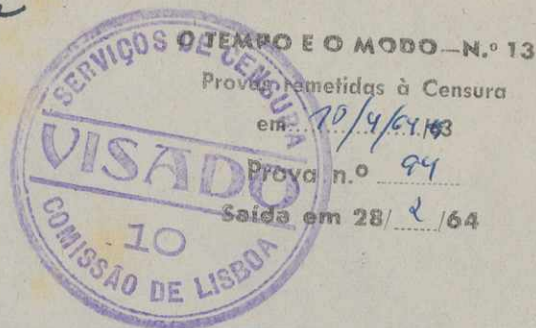
Bem sei que é mais fácil dar conselhos do que fornecer soluções exactas. Mas as instituições foram fabricadas pelos homens; e os homens devem ser capazes, portanto, de as modificar. Como sou um optimista, tenho a certeza de que seremos capazes de criar essa nova forma de organização. Na história das civilizações, não somos os primeiros a compreender que aquela em que vivemos é defeituosa. Estou em crer, porém, que ela possui os meios materiais e espirituais capazes de lhe permitir, pela primeira vez na história, não só prever, mas também evitar, o isolamento e a decadência resultantes desses mesmos defeitos.

A nossa geração possui o estranho e temível privilégio de ser obrigada a praticar o bem para triunfar. Se quisermos de facto travar essa decadência, seremos obrigados, daqui para o futuro, a conceder à maior parte da humanidade uma emancipação sincera e não ambígua.

(Tradução de MARIO BRAGA)

COPIA CENSURADA
(SEBE)
CORTADO
21

válidos os "cortes"
a vermelho neste artigo
R. M. M.



lução social parcialmente operada há já bastantes anos) um conflito social e político acorda amplos sectores da população, o que permite esperar, para um futuro não muito distante, soluções mais justas de ordem social, pois apesar do ainda elevado poder das oligarquias estas não hão-de conseguir mais do que retardá-las.

Num 5.º grupo podem reunir-se quatro nações, com diversidades visíveis, mas que têm proximidade geográfica e que, além disso, devem as suas hipóteses de desenvolvimento efectivo, nuns mais noutros menos concretizadas, a um determinado e diferente motivo especial. São elas: a Venezuela, Cuba, Costa Rica e Panamá.

Situadas em torno ou no golfo do México, tal como os países do 1.º grupo são todavia nações que se encontram verdadeiramente em vias de desenvolvimento, sobretudo Cuba e Venezuela. A Costa Rica e o Panamá gozam entretanto de situações bastante mais favoráveis que as nações dos 1.º, 2.º e mesmo, em certa medida, 3.º grupos. Assim, o rendimento individual médio anual é de 540 dólares na Venezuela (o mais elevado da América Latina), ultrapassa os 300 dólares em Cuba e é de 250 no Panamá e 181 na Costa Rica. O índice do consumo de energia atinge 1,65 na Venezuela, 0,62 em Cuba, à volta de 0,35 no Panamá e na Costa Rica. O índice de consumo de cimento é mais elevado que em qualquer dos anteriores quatro grupos de países, salvo na Costa Rica. A percentagem da população activa ocupada na agricultura é menor que nos outros quatro grupos de países, andando pelos 40 % na Venezuela e em Cuba. A percentagem de população activa que trabalha na indústria, por sua vez, ultrapassa os 20 % em Cuba e provavelmente na Venezuela.

As percentagens de analfabetos são também muito mais reduzidas pois, salvo na Venezuela (48 %), se encontram em 30 % no Panamá, 21 % na Costa Rica e era de 22 % em Cuba antes da revolução, devendo hoje ser bastante inferior dado o intenso esforço de alfabetização realizado. Os níveis de escolarização são também mais elevados que nos quatro grupos anteriores e a diferença a favor deste grupo é mesmo muito saliente pelo que respeita à frequência do ensino primário. Muito melhores são também os índices de telefonias e de jornais vendidos e o índice de médicos existentes. Os factores especiais que impulsionaram ou permitiram este maior ritmo de progresso foram os que se enunciam na exposição que se segue.

Na Venezuela, a exploração do petróleo, que criou muita riqueza, a qual todavia está ainda muito mal distribuída, havendo uma grande distanciação de classes sociais, enormes disparidades regionais e uma exploração pouco desenvolvida ou pouco modernizada noutros sectores indus-

S/ef?

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

Provas remetidas à Censura

em 20/4/64

Prova n.º 93

Saída em 28/2/64



trias ou na agricultura. Daqui a instabilidade social e política existente, apesar de as instituições políticas permitirem uma participação razoavelmente alargada.

Em Cuba havia um desenvolvimento económico razoável já antes da revolução (os índices que pudémos utilizar desse período, embora ligeiramente corrigidos). Existiam porém grandes desigualdades na repartição da propriedade e do rendimento (o que rouba aos índices de valores médios por pessoa o seu melhor significado) sendo especialmente atingidas as populações rurais, e uma enorme dependência económica e política em relação aos Estados Unidos. Estas foram algumas das razões principais do êxito revolucionário. E são também ainda hoje as medidas postas em prática com intenção de vencer tais obstáculos (reforma agrária e educacional, afirmação de independência perante os E. U. A., etc.) que, associadas sempre ao prestígio alcançado por uma luta demorada e difícil mas finalmente vitoriosa, continuam a despertar por toda a América Latina, e até mesmo em outras regiões do globo, o entusiasmo de muitos, expresso embora sem ou com restrições, mais ou menos importantes, e, em qualquer caso, a atenção de quase todos à evolução e projecção do sistema cubano. Apesar de erros que certamente foram cometidos, e para além mesmo da ideologia que veio a informar o regime de Cuba, este originou um despertar e uma esperança, sobretudo nas classes operárias e de trabalhadores jovens é muito grande nas populações latino-americanas). Aliás muitas pessoas dos mais variados sectores, e com diferente posição sobre a revolução ou o regime cubano, compreendem que é preciso não esquecer as causas e o significado destes, realizar um profundo exame de consciência, e resolver de modo positivo e sem condescendências, mesmo que por outra via, os problemas clamorosos de justiça social. A consciência desta necessidade tem-se generalizado progressivamente na América Latina.

O Panamá adquiriu uma situação económica mais favorável que a de muitos outros países latino-americanos através da exploração do canal e efeitos económicos consequentes; beneficiou também, correlativamente, no plano educacional. Contudo, as dificuldades inerentes a uma população heterogénea (10 % de brancos, 65 % de mestiços, 10 % de índios e 15 % de negros e outras raças), a dependência económica e política perante os E. U. A., e a grande impermeabilidade das classes sociais, que apenas encontra certa excepção nas cidades, com todos os aspectos que a ela se ligam, colocou o Panamá em face de problemas graves e que carecem de soluções socialmente mais eficazes e mais verdadeiras.

A Costa Rica beneficia principalmente de uma população muito homo-

RT.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

Provas remetidas à Censura

em 10/4/64

Prova n.º 19

Saída em 28/2/64



individual médio anual é de 9 para 1 (entre a Venezuela e o Haiti), as diferenças dentro de cada país entre os rendimentos são enormes (na Venezuela, por exemplo, há diferenças na proporção de 1 a 80); calcula-se que 80 % dos latino-americanos auferem apenas metade dos rendimentos deste subcontinente, enquanto 20 % recebem a outra metade. Por isso, o próprio Teodoro Moscoso, director americano da *Aliança para o progresso* afirmou: «*Minorias extremamente ricas e poderosas, que exercem uma influência exorbitante sobre o destino de milhões de seres humanos, recusam abandonar sequer uma parte do seu conforto e dos seus rendimentos, porventura até isentos de impostos. Estas minorias combatem activamente as reformas preconizadas pela Aliança, em especial o imposto sobre os rendimentos, a reforma agrária, e outros projectos destinados a criar uma classe média educada e viável.*» Há portanto a maior susceptibilidade e reacção de algumas minorias poderosas (poder que se baseia numa força política e policial, na corrupção de altos funcionários administrativos e militares, e na ignorância e atraso das massas) a qualquer espécie de reforma social.

4. A agricultura, que ocupa em quase todos os países a maioria da população activa, e mesmo em percentagens acima de 50 %, só dá um contributo proporcionalmente muito reduzido para o produto nacional bruto (cerca de 24 %). Nos minifúndios a produção é quase sempre de subsistência. Nos latifúndios grande parte das terras não é explorada ou, quando o é, não o é racionalmente. A mecanização agrícola é mínima. E isto sucede mesmo nos cinco países, os dos grupos 6.º e 4.º, que possuem a maior parte das terras cultiváveis. Nos restantes, entretanto, as diferenças entre as percentagens de terras actualmente cultiváveis e as de terras efectivamente cultivadas é também enorme (em vários destes países a diferença é de 20 % para 3 %). Faz-se sentir por toda a parte a necessidade de uma reforma agrária que abranja uma profunda revisão da estrutura da propriedade, uma modificação ou pelo menos atenuação do sistema de monocultura, uma preparação profissional adequada, e os meios materiais convenientes.

A indústria ocupa uma proporção muito menor da população activa e contribui para o produto nacional bruto em 20 %, em média. Embora a taxa de crescimento seja muito razoável em certos países e ocasiões, sente-se a necessidade de um desenvolvimento regional e de uma diversificação sectorial mais largos, bem como de uma planificação adequada que evite um crescimento anárquico e, por isso, arriscado a uma catástrofe. Esta planificação, atendendo à pequena dimensão e à fraca popu-

SERVIÇOS DE CENSURA

(SEDE)

AUTORIZADO

COM

CORTES



físicas e naturais.

7. O problema da fome ou nítida carência alimentar, se se não põe com a agudeza da Ásia ou da África, não deixa de se fazer sentir. A população de muitos destes países, e sobretudo em certas zonas, como os planaltos dos Andes, não dispõe dum número médio de calorias por pessoa aproximado do nível mínimo imprescindível (que, segundo a F. A. O. é, para a América Latina, de 2.400 calorias diárias) e menos ainda do considerado normalmente necessário a um adulto (3.200 calorias). De facto muitas zonas têm um nível inferior a 2.000 calorias e mesmo muitos países às 2.400. O Brasil, México, Paraguai e Chile ultrapassam este nível ligeiramente e só a Argentina e o Uruguai chegam às 3.000 calorias.

Mas os problemas capitais são ainda outros: o das calorias disponíveis, não hoje, mas no futuro para uma população em intenso crescimento e, sobretudo, não o do número médio de calorias disponíveis por pessoa mas o do poder de compra efectivo das massas pobres — e aqui a distribuição dos alimentos segue em boa medida o dos rendimentos atrás indicada...

Igualmente deficientes são as condições sanitárias e muito escasso o número de médicos, que, se na Argentina é de 128 por cem mil habitantes e no Uruguai e em Cuba se aproxima de 100, nos restantes países se situa em muitos deles em torno dos 30, sem ultrapassar em qualquer caso os 56 (Chile) e descendo até 15 (Honduras) e 9 (Haiti).

Graves problemas de habitação existem igualmente, revestindo a questão dramática acuidade em torno das maiores cidades latino-americanas, como Caracas, Rio ou Buenos Aires.

8. Vimos que o sistema social predominante tem natureza quase feudal, com «desintegração» social, cultural, política e económica de grande maioria dos habitantes de quase todos estes países. Não há verdadeira classe média, excepção feita aos países do 1.º grupo, e mesmo os «grupos intermédios» têm reduzida extensão nos outros países, salvo em certas cidades e seus arredores.

O movimento sindical operário não tem suficiente força em muitas destas nações, encontrando-se em muitos casos demasiado controlado pelo estado (que impôs quase sempre um determinado sistema sindical, mesmo quando são admitidos sindicatos de criação livre, também) e dependendo assim o seu vigor das orientações políticas dominantes ou do dinamismo e força dos militantes sindicais que em muitos sindicatos se não verifica, que em muitos sindicatos se não verifica. Todavia em algumas nações

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

12
FV

PA



latino-americanas o dinamismo sindical tem-se desenvolvido recentemente, apesar de certas dificuldades de síntese entre as pretensões dos operários qualificados e dos não-qualificados, dos antigos núcleos operários com tradição sindicalista e dos novos núcleos recém-formados, e entre uma consciência de classe mais vincada e um activo nacionalismo reformista.

Entretanto a classe mais desprotegida é a do trabalhador rural e aí só num ou noutro caso influências de natureza sindical se começaram a fazer sentir. Um problema de síntese se põe novamente entre a acção dos movimentos rurais que se desenvolvam e a dos sindicatos operários. Também aqui, como dentro do próprio movimento operário, a substituição do sistema social feudal por outro susceptível de permitir o desenvolvimento independente do país e a efectiva justiça social, sem opção porém por uma ideologia de base exclusiva, tem aparecido, neste momento, como a ideia força susceptível de operar as sínteses necessárias e de criar um dinamismo progressivo e de sentido comum.

Os sindicatos e movimentos rurais começam assim a ter um peso decisivo, embora ainda sem muita solidez, na acção a favor do desenvolvimento global, ao lado de alguns dos partidos políticos e vários grupos de carácter estudantil, intelectual e religioso.

Os partidos políticos que pretendem adaptar-se às circunstâncias actuais da América Latina e realizar uma revolução social, de desenvolvimento e participação, baseiam-se fundamentalmente em três esquemas diferentes de evolução social, comunista, socialista não-comunista e cristão, surgindo também esquemas práticos que bebem em mais de uma destas fontes teóricas.

Os estudantes e os intelectuais, mesmo os de formação técnica, constituem na maioria dos casos grupos de inquietação e acção, sentindo-se verdadeiramente responsáveis pelas transformações sociais a realizar e ultrapassando o simples plano do estudo ou do exercício de uma função técnica.

Vários movimentos de inspiração cristã, e principalmente católica sobretudo a partir das últimas encíclicas sociais e do início do Concílio, têm constituído também importantes núcleos dinamizadores, apesar das calúnias ou oposições movidas por certos grupos ou pessoas. A sua acção vai sendo apoiada em vários países ou dioceses por muitos bispos, verdadeiramente preocupados com as situações de injustiça em que se encontram milhões de homens e com as exigências que tal realidade impõe a um verdadeiro espírito cristão. Neste sentido se salientam tanto vários actos (por exemplo a distribuição de terras eclesiásticas por muitas famí-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

Provas remetidas à Censura

em 20/4/64

Prova n.º 105

Saída em 28/2/64

Até



lias rurais especialmente nas regiões dos Andes) como muitas declarações. Destas pode indicar-se, como exemplo, uma das mais recentes e mais vastas: a carta colectiva do episcopado do Chile, de 18 de Setembro de 1962, onde se afirma que o cristão «para o ser autenticamente» deve, agindo à luz da doutrina cristã, desenvolver uma acção destinada a obter estruturas sociais mais justas, para o que «*there será necessário apoiar as reformas de estrutura tais como uma verdadeira reforma agrária, a reforma da empresa, a reforma fiscal, a reforma administrativa e outras do mesmo género*».

9. O conflito entre estas forças de acção dinamizadora do progresso e as forças de acção retardadora, ainda poderosas, dá cada vez com mais clareza o tom ao panorama social da América Latina. De facto, ele concretiza a questão básica destas nações, aliás de todo o mundo sub-desenvolvido: que completamente a par de um desenvolvimento económico mais intenso e mais independente (frente a esta ou àquela nação ou grupo de nações desenvolvidas e poderosas), se faça toda a reestruturação social interna necessária para alcançar a plana e autêntica participação económica, social, cultural e política na vida nacional e mundial de toda uma imensidão de seres humanos dela injustamente afastados.

VITOR WENGOROVIVS

H

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTE

*Mantem-se
(antes) deste artigo
R. M. G.*

COMISSÃO DE CENSURA
SERVIÇOS DE CENSURA
PROVAS REMETIDAS À CENSURA
em 21/2/64
Prova n.º 706
Saída em 28/2/64

CONDE D'AVINTES

BRASIL

I — Quando Jânio Chegou

DESDE a burla e o crime altamente especializados à depravação de decência e costumes, violenta e repugnante. Desde milhões avaramente amealhados à miséria escandalosamente distribuída, no Brasil há de tudo e de tudo em exagero. É o que se poderia chamar um país complicadamente monstruoso: com funcionários que pagam 12 contos a quem lhes assinem o ponto em Brasília (enquanto eles tomam banho em Copacabana), com profissionais que no Rio pedem 10 mil cruzeiros para dar cabo dum terceiro, com os babedos que atulham as valetas das cidades, dormindo 23 horas ao dia, e com muito mais coisas que omitimos e desconhecemos, o Brasil prospera no meio do grotesco e do caótico. A ilustrar o quadro, um tremendo panorama de miséria. A vida média não passa dos 46 anos (com nítida desigualdade entre os Estados: 53 anos no Rio Grande do Sul e 36,5 no Mato Grosso e no Nordeste), para comparação, na Austrália à média é 68 e na Nova Zelândia 70. A taxa de mortalidade infantil, que cresce de ano a ano, era em 1962 de 21,7 % (nos E. U. A. 4,6 %; na Argentina 8,4 %; no Uruguai 8,9 %), no Amazonas chega a 80 %. A tuberculose, as parasitoses e a fome grassam por todo o país, atingindo no Nordeste proporções assombrosas; em Teresina, por exemplo, 20 % da população é tuberculosa. O consumo diário de leite por habitante é de 20 gramas, em França consomem-se 134, na Suécia 832, na Alemanha 900 e na Suíça 1025. O consumo mundial, per capita, de trigo é 120 quilos, no Brasil é 36, no Nordeste só 10. Há um médico por 2428 brasileiros e 900 municípios não têm nenhum; 5 milhões de habitantes não possuem condições sanitárias suficientes; no Nordeste há menos de um leito de hospital por mil indivíduos. A Universidade só tem acesso 5 % da população; em 60 milhões de habitantes, apenas um milhão possui ensino secundário e só 160 mil o ensino superior. Em Piacú as vagas na escola não abrangem mais de 0,2 %; em Maranhão os analfabetos vão além de 75 %. E paramos aqui com os dados. Acrescentamos, contudo, que os exageros se notam em todos os sentidos e em todos os extremos: por exemplo, o Sr. Ademar de Carvalho e Sousa, cidadão nordestino, gasta 4 milhões num jantar e dá vinte milhões para os festejos dum casamento. Sem querer cair em fáceis dramatismos, isto acontece no Nordeste, onde as jovens se prostituem aos 13 anos e onde os pais dão os filhos porque não podem

706
121

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO



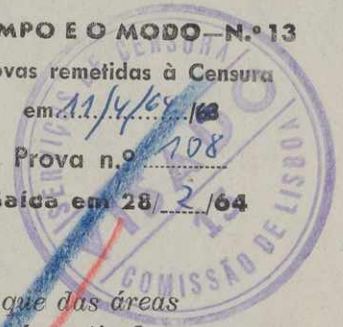
criá-los.

É este o espectáculo da miséria brasileira, do país considerado super-fértil em recursos naturais. Sabida toda esta descoordenação, a confusão, o desequilíbrio, interessa passar ao que se puder ver das estruturas sócio-económicas.

Segundo o maior filósofo-sociólogo do séc. XIX, a democracia liberal, a livre iniciativa privada, fruto da Revolução Inglesa de 1688, do Calvinismo e de 1766 nos E. U. A., floresceu na América do Norte e, com excepções, na Europa. Nas excepções mantiveram-se os quadros feudais. No Brasil de hoje a posição é intermédia. Explicamo-nos melhor. Quando o capitalismo liberal inglês começou a atemorizar a Europa, apareceu na Alemanha o que se chamou Bismarckismo e em França o chamado Bonapartismo. O último conceito define-o o autor mencionado, em O 18 de Brumário de Luís Napoleão, como sendo «o exercício pelo Estado, mediante um executivo forte, de uma arbitragem entre as classes e forças sociais que assegura as condições de estabilidade necessárias à promoção do desenvolvimento da burguesia». O Bismarckismo, patrocinado por Bismarck na Alemanha encontra-se perfeitamente representado no actual modelo japonês. E no Japão passa-se o seguinte: nos tempos modernos o Japão precisou modernizar-se; arranjado o capital, os senhores feudais transformaram-se em aristocracia mercantilista, integraram-se e apoderaram-se do Estado e fizeram, ao lado do subdesenvolvimento, irromper uma indústria crescente; fizeram a par duma sociedade feudal nascer um enorme surto industrial. Na Alemanha, quando o Estado passou a proteger e incentivar os grandes monopólios, os resultados foram similares. No Brasil, quando em 1951 surgiu a industrialização também o mesmo se verificou. Senhores feudais ou não, de mentalidade mercantilista — isto é, não se arriscando nem se interessando com a iniciativa privada, mas fazendo a fortuna à custa da ajuda e dos favores do Estado —, dominam e controlam o mesmo Estado, num regime também chamado de semi-feudalismo.

Postas estas considerações, melhor se pode entender a constituição dos diversos estratos sociais brasileiros. Ao lado da burguesia rural, tipicamente feudal, há a burguesia urbana, de feição mercantilista, a quem o Estado ampara. A seguir, a classe média extremamente heterogénea — com progressistas, liberais e conservadores — com pouca tendência à ascensão social e ao aburguesamento, já que o sistema de iniciativa privada (que os permitiu na Europa) não se radicou no Brasil (com excepções talvez em São Paulo). Depois, o «white collar», o trabalhador que não sendo burocrata também já não é proletário. E, finalmente, o «lumpen-

REVISOR DE BENSIM
(SÉBEB)
CORTADO



«proletariado», habitantes das favelas e dos cortiços, gente que das áreas agrícolas vem para a cidade ganhar a vida. Em São Paulo é particularmente grande a concentração deste operariado vindo do campo, vem cheio de ânsias de revolução e de conquista, incorpora-se no proletariado urbano, satisfaz e pacifica todos os seus fogos de revolta e, tempos depois, ganha sensata e pacificamente o trabalho do dia a dia.

Sensivelmente assim se poderia descrever o Brasil de Kubitschek, o Brasil que nessa altura atingiu o paroxismo bismarckiano. A industrialização nutria-se à custa duma constante inflação e da entrada maciça de capital estrangeiro, as oligarquias financeiras dirigentes tinham todo o apoio e, praticamente, a direcção do Estado. Como é óbvio, levantaram-se vários protestos e as queixas multiplicaram-se: a pretexto de facilitar a entrada de capitais, Kubitschek facilitou antes a saída, remunerando com os juros, as amortizações e os dividendos as empresas que no Brasil se estabeleciam; colonizou o País pelo estrangeiro; e descurou completamente o equilíbrio do desenvolvimento interno. A população rural era a mais prejudicada e as disparidades regionais acentuaram-se tanto que se formaram novas áreas de estagnação (caso do Rio Grande do Sul).

Mas o facto é que, errado ou certo o processo de industrialização, impunham-se medidas consequentes, e a primeira era a emancipação. Aqui Kubitschek falhou totalmente. Ainda tentou o golpe estratégico da O. P. A. (Organização Pan-Americana), insinuando o Brasil como medianeiro indispensável (defensor da boa-vizinhança) entre os E. U. A. e a América do Sul, mas os resultados foram nulos. E quase mais não fez Kubitschek até ao fim do seu mandato.

Para as eleições de 60 o Brasil apresentava-se como se disse: indústria em crescimento, invasão de capital estrangeiro, autodeterminação não conseguida, estrutura social com vestígios medievais e, o que se não disse, instituições políticas e administrativas velhas e desorganizadas. Um exemplo são os partidos políticos. Nas eleições em questão os partidos não só não controlavam o eleitorado, como os candidatos propostos (Lott e Quadros) se apresentavam livres de quaisquer compromissos, isto é, nem Lott nem Quadros representavam a orientação dum partido, até porque nos partidos as orientações não existem. Citamos Roger Bastide: «A U. D. N. representa no Norte e em Minas Gerais a classe média; no Rio de Janeiro é o partido da pequena burguesia que se sente ameaçada pelo Partido Comunista; e em São Paulo é o partido dos fazendeiros, em luta contra os industriais. Assim, apesar de ser um partido nacional, ele não representa interesses uniformes, nem dispõe de idêntico eleitorado em todo o país.»

COMISSÃO DE CENSURA
 (S.T.P.E.)
 CORTADO

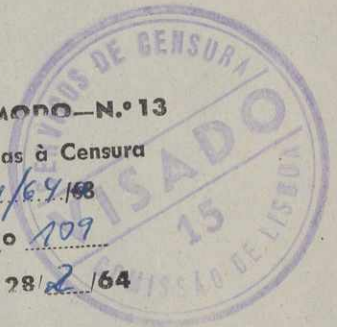
C TEMPO E O MODO — N.º 13

Provas remetidas à Censura

em 11/4/64

Prova n.º 109

Saída em 28/2/64



Quadros aparecia como candidato das oligarquias económicas e financeiras, dos grupos que através das transacções comerciais dirigiam os negócios do país. Todavia, em 59 tinha ido a Cuba e a Moscovo, em 60 proclamou-se simpatizante dos progressistas e fez declarações de esquerda e, ao contrário de Lott, mostrava-se mais seguro e mais decidido. E, nas eleições, a balança dos votos inclinou-se claramente para o seu lado.

II — Quando Jânio saiu

À primeira vista a política do novo presidente deveria favorecer mais o patronado que o operário. Ia apoiado pelas «finanças», e aos seus mentores entregou os postos-chaves da administração e, sobretudo, do exército. Mas o problema era mais complexo, a situação, com o rápido crescimento brasileiro, requeria além de novas medidas, algumas remodelações: novos mercados externos, uma eficaz emancipação económica, uma reforma de estruturas políticas, sociais e administrativas. E Quadros, na sua Mensagem ao Congresso (15 de Março de 1961), deu a entender que tencionava promover aquilo que o Brasil reclamava. Da estrutura institucional — leis desactualizadas ou deficientemente reguladas e mal complementadas (entrando por vezes em contradição com a Carta Constitucional), a par de partidos políticos desvitalizados e descomprimidos — disse «cumpre fortalecer os partidos políticos... Disciplinar-lhes as convenções partidárias; assegurar-lhes vida financeira independente, mas fiscalizar-lhes os gastos, para que se não vinculem a grupos económicos nem deformem, através do abuso da propaganda, ou da influência financeira, a autenticidade da manifestação popular» e «um corpo de leis adoptadas para determinados estágios da nossa vida económico-social, totalmente diversos do actual, apresenta-se hoje como entrave ao desenvolvimento do país... Sente todo o Brasil que existe profundo desajustamento entre a ordenação vigente de suas instituições e as exigências superiores de seu progresso, bem-estar e segurança; e, a mais agravar a situação, permanecem ausentes do quadro de nossas regulações, institutos e actividades que prosperam de forma indisciplinada, à míngua de textos que os ordenem». Também, mas em termos menos precisos, referiu-se às necessidades duma «reforma agrária», de remover o velho arcaboço em que a vida rural brasileira assentava.

Isto o que Jânios disse. Passemos agora ao que fez.

É comum afirmar-se que Quadros acertou na política externa e falhou na interna. E que as razões foram a sua pequena formação ideológica e a

CORTADO
(SEDE)
CENSURA

4

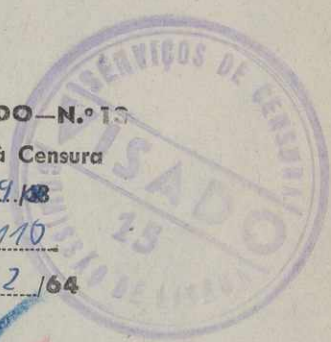
O TEMPO E O MODO—N.º 13

Provas remetidas à Censura

em 11/4/69/88

Prova n.º 110

Saída em 28/2/64



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADA

5

sua ligação aos grupos financeiros dominantes. É possível que a verdade não seja toda esta, mas pelo menos é-o em parte. No que dentro do País fez, Jânio oscilou sempre entre a esquerda e a direita, e tanto oscilou, tanto estremeceu, que acabou mesmo por tombar.

Para assegurar ao Estado recursos financeiros suficientes baixou a célebre Instituição 204. A 204 subia o custo de vida. E para agradar ao povo sem descontentar o capital, distribuiu medidas anestésicas e moralizantes (proibição de combates de galos, moderação aos bikinis, às montras de soutiens, aos maillots nos desfiles de modas, etc.); e para proteger o Estado e aguentar os beneficiados com a 204, levou ao Congresso a lei antitruste, a lei da remessa de lucros e a lei da reforma do Imposto. E mantendo-se na corda bamba ia agradando, aliás desagradando, a toda a gente e sobretudo à esquerda, a quem cobrava as consequências do seu comportamento com o estrangeiro. As Ligas Camponesas foram controladas militarmente, os estudantes constantemente reprimidos, a Lei dos Sargentos vetada, etc., etc.

Em relação ao exterior a linha foi regular e precisa. Mais ainda, e como dissemos, foi de sentido e de natureza indispensáveis. O desenvolvimento interno era um facto (talvez iniciado e mal dirigido, mas apesar de tudo, desenvolvimento) e como tal conduzia a duas exigências: à extensão dos mercados e à emancipação económica.

A exportação, quase só de produtos primários, de pouca elasticidade de procura, não compensava as necessidades de importação: caiu 20 % de 1951 a 60, enquanto a importação teria de corresponder ao nível de vida que subia. Conquistar mercados era a primeira ilacção. A saída do subdesenvolvimento, a conseqüente libertação do colonialismo económico, implicava a simultânea autodeterminação. Uma autodeterminação que, a ter preferências nas relações internacionais, dá-las-ia aos países em circunstâncias semelhantes ou em que as circunstâncias oferecessem mais vantagens. E, acreditando nestas conclusões, o que Jânio seguiu foi claro: não intervenção em Cuba em 1961, fortalecimento de relações com os países afro-asiáticos, estabelecimento de vínculos diplomáticos com os países socialistas e, o que é importante, reforço dos laços de solidariedade com a comunidade americana. Resumidamente, e com as limitações a que os resumos levam, dizemos que a política externa de Quadros movimentou-se dentro duma tensão. Uma tensão estabelecida entre dois polos, dum lado a abertura e o alargamento dos horizontes internacionais, e do outro a solidificação e o desenvolvimento dos «fundamentos» tradicionais das relações brasileiras, a aproximação, com fins de entreaajuda, dos países vizinhos sul-americanos. Daí a importância do enriquecimento das relações

O TEMPO E O MODO — N.º 13

Provas remetidas à Censura

em 11/4/64

Prova n.º 211

Saída em 28/2/64

com a Argentina. E daí esperar-se uma evolução não só do Brasil, mas de todo o bloco latino-americano, segundo uma certa direcção, seguindo determinado alinhamento, ou seja, alinhando com as nações em similitude de situação.

Como é evidente tais desígnios ateavam descontentamentos. Havia quem não gostasse: conquistar novos mercados satisfazia as forças da monocultura, as forças latifundiárias, mas estas eram as que a reforma agrária atavaca e eram também as que a concorrência dos mercados socialistas ameaçava. E tudo resultava em mais uma contradição a juntar às que rodeavam Jânio, mais uma mola a jogar contra si, e tantas ou tão fortes foram elas que 7 meses passados Jânio deixava o posto.

III — Quando Goulart apareceu

Goulart apareceu e apesar dos vetos, das oposições e dos insultos, por lá ficou dois anos e alguns meses. Quando tentou mudar as estruturas, quando quis ganhar o Parlamento, as estruturas não quiseram e puseram Goulart a mexer.

A pouco e pouco Jango vinha tentando as reformas, uma pancada aqui, outra mais além, e até uma escola de guerrilhas mandou criar. Mas aos poucos a coisa não resultava e Jango viu que um primeiro ponto podia estar em três reformas fundamentais: a extensão do direito de voto, a elegibilidade de todos os eleitores e a expropriação de terras sem indemnizar os proprietários. O Congresso recusaria. Portanto impunha-se tomar o Parlamento. O ex-chanceler Santiago Dantas sugerindo uma Frente Popular de esquerdas ameaçou resolver a questão. De facto, dado que em cada partido há gente de todas as tendências, bastaria recolher, em todos eles, um número suficiente de deputados que aceitasse as três reformas propostas. A resposta foi a formação dum «bloco democrático» a opor-se, mas talvez a oposição fosse insuficiência e assim com o exército resolveu-se o problema. Ou baralhou-lhe ainda mais os dados. Ou qualquer outra coisa que só o futuro precisará.

CONDE D'AVINTES

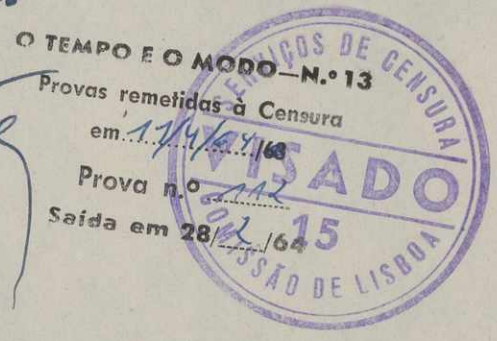
NOTA — O que aqui se escreveu foi tirado em parte dos «Cadernos do Povo Brasileiro» e da revista «Tempo brasileiro».

SERVÍÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

6

ff

Mantém-se
antes deste artigo
R. Hoel



OPERAÇÃO BARBARRUIVA

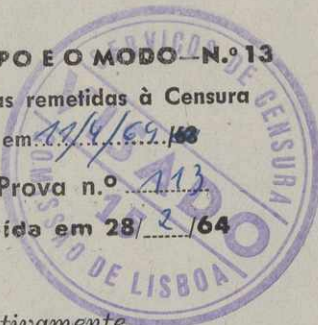
A propósito do livro *Os Vivos e os Mortos* de Konstantin Simonov, Arcádia Editora, 1963

*Freedom... is mortal, we know, and made
In the image of simple men who have no
taste for carnage
But sooner kill and are killed than see that
image betrayed.*

C. DAY LEWIS

Os grandes invasores são os grandes inavádidos: à força de perseguir os russos até Estalinegrado, Hitler trouxe-os a Berlim. Aprendizizes de feiticeiros, os agressores acabam agredidos e os ocupantes, ocupados. Para fazer guerra à guerra, os inimigos da guerra revelam-se, por vezes, melhores guerreiros que os guerreiros natos. O exercito do ano II, por exemplo, foi obra dum partido nascido na opposição à guerra — a Montanha; defendendo-se contra os coligados, o exercito revolucionário francês internou-se no território inimigo para, nos fins do Messidor, levar a guerra para lá dos Alpes e dos Perinéus. Do mesmo modo, a Rússia da revolução, agredida pelos alemães apesar do pacto tripartido, havia de expulsar o invasor e tomar parte do país donde partira o ataque. A quimérica operação Barbarruiva, iniciada em Junho de 1941, teve o seu desfecho mais do que justo quando, em 2 de Maio de 1945, Joukov e Koniev entraram em Berlim. O processo histórico escreve direito por linhas tortas. O Drang nach Osten, a invasão nazi da Rússia, começou exactamente às cinco horas e trinta minutos da madrugada de 22 de Junho de 1941; cento e setenta e cinco divisões alemãs, finlandesas e romenas precipitaram-se de surpresa sobre uma frente de dois mil e trezentos quilómetros, do Báltico ao Mar Negro. O general von Loeb comandava o ataque que devia atingir Estalinegrado (Volvogrado desde 1961), von Bock avançava a partir da Polónia em direcção à capital soviética e von Rundstedt visava as regiões da Ucrânia, do Cáucaso e da bacia do Donetz. O plano militar alemão, baptizado operação Barbarruiva, previa uma campanha de três meses, tempo reputado suficiente pelos hunos da nossa idade para o total aniquilamento do exercito russo. A tremenda vaga da Wehrmacht opuseram os soviéticos uma defesa obstinada a par da destruição sistemática das terras ocupadas, da sabotagem e da guerrilha na retaguarda alemã. A táctica de terra queimada, o gesto de desespero mais apropriado ao momento, é ordenada a 3 de Julho desse ano por Estaline.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SBBE)
CORTADO



Hitler contava domar a Rússia antes do Inverno; efectivamente, assim parecia acontecer; von Bock, em dezoito dias, penetra dois terços do caminho rumo a Moscovo, cérebro e coração da resistência soviética. Mas os russos, não obstante o fulminante avanço alemão, recusam a catástrofe e confiam no regime. «Evidentemente — diz o aleijado Biriukov a um combatente — há muitos hipócritas, escondidos como bantas nos seus buracos, que não gostam do Poder soviético; não é desses que falo, é do povo»¹. A todo o custo, os russos tentam resgatar os corpos de exército

¹ Os Vivos e os Mortos de Konstantin Simonov, traduzido do francês por Maria Antónia Trigo de Sousa, Arcádia Editora, 1963, 497 pp.

tragados pela maré invasora e, reagrupando as forças pulverizadas pelo impacto do Blitz, levantar um dique antes de Moscovo. Bandos errantes de soldados procuram furar a retaguarda alemã e juntar-se às primeiras linhas russas; a epopeia destes naufragos que repudiaram o derrotismo é-nos contada por Konstantin Simonov no romance «OS VIVOS E OS MORTOS», agora traduzido para português.

Sintsov, redactor dum jornal militar, sabe da invasão nazi quando regressa de férias com a mulher. Parte para a frente em busca da redacção, não a encontra na confusão da retirada, vagueia pelos campos de combate e é finalmente integrado como politruk (instrutor político do exército) na divisão de Serpiline, oficial comunista que, não obstante uma detenção injusta durante as purgas estalinistas, se mantém fiel ao regime e apenas procura servi-lo bem. Ferido por engano, Sintsov faz uma estadia num hospital e ali ouve um discurso de Estaline. O apelo do chefe soviético traz-lhes qualquer coisa de novo pelo tom de fraternidade expresso nas palavras inesperadas: «Meus irmãos, minhas irmãs, meus amigos...» Esta passagem do romance de Simonov merece atenção pelo que exprime de justa e desapassionada homenagem a um homem hoje tão freneticamente caluniado:

«Amavam Estaline de diferentes formas: sem restrições ou com reserva, com admiração e com um certo receio; alguns não o amavam mesmo. Mas ninguém duvidava da sua coragem e da sua vontade de ferro. E nesse momento, essas eram justamente as qualidades indispensáveis a um homem colocado à cabeça de um país em guerra» (...)

«Meus amigos... murmurava Sintsov e, repentinamente, compreendeu que a tudo quanto Estaline fizera de grande, de imenso mesmo, e que ficara gravado na sua memória, faltavam as palavras pronunciadas nesse dia: Irmãos, irmãs!

SERVIÇOS DE CENSURA
1964
CORTADO



Meus amigos! ou, antes, o sentimento que existia por detrás destas palavras.

Seria possível que só uma tragédia como a guerra pudesse fazer nascer essas palavras e esse sentimento? Que ideia humilhante e amarga!»

Esquivando-se ao abraço alemão, Serpiline logra furar o cerco e reunir-se à divisão motorizada de Klimovitch; enquanto Serpiline, ferido nas pernas, é evacuado, Sintsov e os companheiros da divisão entregam as armas e são remetidos para outro sector; durante o trajecto encontram alemães que os ceifam sem que aos russos restasse ao menos «a última alegria humana, a de matar antes de ser morto». Uma jovem e frágil médica militar, o soldado Zolotarev e o politruk escapam à chacina, deixam a companheira, doente, numa serração e de novo vagueiam em demanda dos seus; ferido num recontro, preso pelos alemães, novamente evadido, Sintsov consegue chegar a Moscovo a tempo de ver a mulher, Macha, em vésperas de partir para uma região ocupada como agente de ligação. Este encontro é ainda o melhor trecho literário do romance de Simonov.

Temendo que Sintsov fosse identificado pelos nazis como instrutor político, Zolotarev, ao ver o companheiro inanimado, retira-lhe as insígnias e todos os documentos. Este por menor transforma Sintsov num suspeito ou, pelo menos, num desclassificado aos olhos dos camaradas de partido; doravante o romance enlaça a angústia de Sintsov ao desenrolar das operações militares, narrando os vaivéns labirínticos da burocracia e da guerra; a obra termina sem se saber do desfecho deste caso pessoal, embora se pressinta, pelo progressivo articular dos acasos e das boas vontades, bem como pelo regresso de Serpiline ao comando da nova divisão em que Sintsov combate agora como sargento, uma reparação justa. O romancista despede-se também de Macha quando esta se lança de pára-quedas em cima de Smolensk; a partir desse momento a mulher de Sintsov dissolve-se no anonimato, na história.

A luta de guerrilhas remonta quase ao início da ocupação alemã. Em 1942 e 1943 a rede da clandestinidade, sob o comando do Partido, funcionava já com notável eficiência. Um veterano da guerra civil, Korotchenko, organizara à escala nacional a guerrilha contra o invasor, enviando milhares de agentes de confiança para as retaguardas inimigas².

² Les mouvements clandestins en Europe de Henri Michel, colecção Que sais-je?, Paris 1961, pp. 119/120.

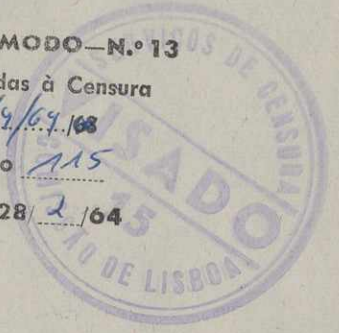
Cria-se um «Estado-Maior do Trabalho de Diversão», a rádio difunde duas vezes por semana lições de guerrilha, funcionam escolas de sabotagem e

R. J.
3
ESTADOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

em 11/4/64

Prova n.º 115

Saída em 28/2/64



rádio-comunicações em Moscovo, Leninegrado e Estalinegrado. A partir de 1942, alguns postos emissores asseguram uma ligação bilateral e os agentes são lançados de pára-quedas em regiões nevralgias segundo um plano meticuloso de agitação. O general Ponomarenk move os cordéis desta invisível máquina infernal destinada a sapor o potencial e o ânimo do inimigo. Em 1944, demasiado tarde, publicam os serviços do exército alemão um «Manual de Guerra contra os partidários» em que, sintomaticamente, se preconizam apenas métodos defensivos: desfazia-se de vez a criminosa quimera baptizada com o nome de operação Barbarruiva.

Enquanto Sintsov, graças à compreensão de Malinine, se salva do pesadelo burocrático que a perda da documentação lhe acarretara e é alistado num batalhão que defende a região de Moscovo nos meses críticos de Novembro e Dezembro de 1941, a maré teutónica regista uma fatídica baixa-mar: «os tanques alemães já não penetravam nas nossas linhas como faca em manteiga, como acontecera nos primeiros dias sobre Viazma e Briansk». Por todo o lado renasce a esperança duma desforra; mesmo quando recuavam, os soldados soviéticos recusavam a hipótese dum desmoronamento e não deixavam de confiar num castigo inexorável a infligir aos bárbaros: «À invocação dos alemães, Sintsov só sentia um desejo: fazê-los passar pelo que ele tinha passado; aossá-los como tinha sido aossado; bombardeá-los; esmagá-los sob os tanques; cercá-los e privá-los de comida e munições; capturá-los e nunca lhes perdoar. Era o que ele queria e queria-o com tanta força que teria rido na cara de quem lhe dissesse que, um dia, a sua vingança seria saciada e o ódio desaparecia». E eis que essa perspectiva se começa a desenhar lentamente, à medida que a lama, o frio, a fadiga, a neve, a fome e a desilusão vão entorpecendo o Drang alemão. Aproxima-se o dies irae e está já longe o tormentoso mês de Julho desse ano: «Não sabiam, nem podiam ainda saber que os generais do exército alemão, que avançavam agora, vitoriosos sobre Moscovo, Leninegrado e Kiev, quinze anos depois chamariam a esse mês de Julho de 1941 o mês das falsas esperanças, o mês dos sucessos sem manhã». A vingança foi saciada e o ódio desapareceu, pelo menos aquele ódio à nacionalidade do invasor, nunca o ódio à própria guerra, à ignomínia e à desumanidade da guerra que o romancista Simenov conheceu aos vinte e seis anos. Ao passar pelo mausoléu da Praça Vermelha, Klimovitch tenta imaginar os nazis ali, com os seus capacetes góticos, os seus uniformes esverdeados e com as suas suásticas aracnídeas nas mangas; este simples pensamento dá-lhe a certeza da espantosa impossibilidade da hipótese: «Como se podia imaginar tal? Não, absolutamente impossível!...» Durante a vigência do pesadelo, todos, dum modo

R 1

REVISÃO DE LISBOA
15
CORTADO

O TEMPO E O MODO—N.º 13

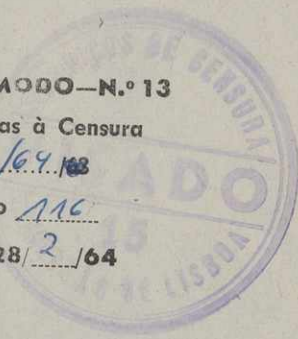
Provas remetidas à Censura

em 11/4/69/103

Prova n.º 116

Saída em 28/2/64

R. J.



ou doutro, repetiram as mesmas palavras de Klimovitch. Muitos historiadores do futuro, olhando a fotografia do desfile hitlerista sob o Arco do Triunfo, hão-de perguntar a si mesmos se não estarão a ser tomados duma estranha alucinação.

A impaciência de Hitler em tomar Estalinegrado, a fonte do petróleo caucasiano, levou-o a cometer o erro irreparável de retirar o von Bock algumas colunas Panzer, comprometendo deste modo o avanço do centro. Só em Outubro de 1941 pôde este retomar a ofensiva, progredindo ainda duzentos e cinquenta quilómetros em três semanas; a meio de Outubro estavam, pois, os alemães às portas de Moscovo. Na capital russa começava a evacuação, embora Estaline permanecesse no Kremlin. Em Novembro os alemães distam de Moscovo apenas vinte e cinco quilómetros e a 2 de Dezembro algumas unidades de infantaria conseguem mesmo penetrar nos subúrbios moscovitas. Mas nesse mesmo mês, auxiliados por um Inverno particularmente rigoroso, os russos esboçam o primeiro grande contra-ataque desde o início da invasão. Na Praça Vermelha as tropas soviéticas desfilam: «Naquela manhã de neve, naquelas formaturas de soldados, naquela parada, havia qualquer coisa que tornava felizes os homens ali reunidos: era o primeiro pressentimento sensível da vitória ainda incomensuravelmente longínqua». O próprio Estaline preside à parada, como se as oitentas divisões inimigas às portas da cidade não existissem. Esta confiança enterra já como que um prelúdio de vitória; e, na verdade, os sinos vão começar a dobrar pelos hunos motorizados. Intoxicado com os êxitos das guerras-relâmpagos anteriores, o Wotam de aranha na manga da farda sonhara vergar a Rússia em poucos meses, descurando a hipótese duma campanha morosa sob o chicote do Inverno eslavo; às tropas alemãs faltavam equipamentos adequados para o frio; a lama e o gelo paralizavam o avanço. A contra-ofensiva de Timotchenko obriga von Rundstedt a recuar; enfurecido, Hitler substituiu-o por von Reichend; mas o novo comandante do exército do Sul vê-se também coagido a retroceder. A 5 de Dezembro, Joukov ataca von Bock com tropas frescas trazidas do Extremo-Oriente e, com a ajuda dos novos tanques T-34, varre o alemão e afasta-o para cento e cinquenta quilómetros da capital. Moscovo estava salva.

Em Janeiro de 1942, o próprio Hitler reconhecia o fracasso da operação Barbarruiva, apesar dos 1 500 000 quilómetros quadrados de território ocupados. O Cáucaso, Leninegrado, Estalinegrado e Moscovo continuavam nas mãos dos russos. Desistindo de tomar a capital socialista, Hitler decide então concentrar o esforço bélico em objectivos estratégicos: o vale do Volga, a bacia do Donetz e as regiões petrolíferas do Cáu-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO
5



FA -

caso. O alvo é agora Estalinegrado, a chave do Volga. Sebastopol cai após um cerco aspérrimo e o 6.º exército inicia o avanço em direcção a Estalinegrado. Num dos melhores romances sobre a Resistência aos alemães — «Education Européenne» de Romain Gary — dois polacos, pai e filho, falam da guerra na frente Leste³:

³ Education Européenne de Romain Gary, Livre de Poche, Paris 1963, p. 11.

«— Uma grande batalha desenrola-se presentemente no Volga...

— Onde?

— No Volga. Em Estalinegrado... Batem-se homens por nós.

— Por nós?

— Sim. Por ti e por mim e por milhões de outros homens».

A Europa inteira está dependente da sorte daqueles que resistem em Estalinegrado; um desaire alemão ali seria a guinada decisiva na roda da fortuna militar. Nos começos de Dezembro alguns bairros estavam ocupados pelos invasores; a tomada da cidade chegou a ser oficialmente proclamada pelos chefes nazis. Mas a chegada do Inverno e a espantosa resistência dos sitiados desmentiram a jactância alemã; a 15 de Dezembro os russos iniciavam uma contra-ofensiva que em quatro dias lograva encurrular trezentos mil alemães numa bolsa aconhada; em Fevereiro de 1943, von Paulus rendia-se aos soviéticos, consumando-se deste modo a maior e mais grave derrota alemã desde o início da guerra.

Quem resistiu em Estalinegrado não defendia apenas uma pátria ameaçada, um regime ou uma ideologia; era a própria ideia de liberdade europeia que desesperadamente ali se batia pela sobrevivência. E, assim como a França de Francisco I, resistindo a Carlos V, salvou não só a sua própria integridade nacional mas poupou ainda o resto da Europa à quimera imperial espanhola, também a Rússia, tanto em Estalinegrado como nos arredores de Moscovo, ao sustentar o Apocalipse teutónico, banhou do céu europeu as nuvens torvas dum novo furacão imperialista que se garantia, ainda por cima, milenar.

JOAO MEDINA

H

SERVIGIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 19/10/67

Prova n.º 19

data em 20/2/64



manutem-se os
"contos" neste artigo
R. Pires

SERVIÇOS DE CENSURA
AUTORIZADO
COM
CORTE

na ordem interna uma lei que regulamentasse o trabalho das mulheres, o trabalho mineiro, repouso semanal e horas de trabalho, envia também a proposta aos governos Europeus para elaborarem uma legislação ao nível internacional. A Europa mostra-se interessada com a excepção da Alemanha de Bismark. ~~Notas ser uma constante histórica que os governos de carácter pessoal e autoritário, são pouco comunicativos no campo internacional e não só neste, para mal dos povos.~~ A atitude da Alemanha vai-se modificar com a morte de Guilherme I em 1888 e a consequente queda de Bismarck. Com efeito Guilherme II apoia o movimento e pressiona a Suíça para realizar a conferência em Berlim.

Em Março de 1880 há a primeira conferência que se efectua em Berlim. Doze países Europeus encontram-se reunidos. Pena é, que deficiências de organização e a falta de experiência dos governos levasse a que se não chegasse a resultados concretos. Por esta razão Ernest Jahain promove em 1897 outra conferência levada a efeito desta vez em Bruxelas. Concretizam-se posições tomadas na conferência de Berlim. Lança-se as bases para a convocação de uma conferência que teria por finalidade a criação de uma Organização Internacional que estudasse problemas relacionados com o trabalho. Então em 1900 reúnem-se em Paris estados Europeus e outros como os Estados Unidos, México, Austrália e Nova Zelândia. Elaborou-se os estatutos de uma organização que será a *Associação Internacional para protecção legal do Trabalho*. Quando já constituída esta Associação, em Setembro de 1904 numa memorável assembleia geral, Legarid propõe a interdição do trabalho nocturno das mulheres e a regulamentação do emprego no fabrico do fósforo branco. Para tal reúnem-se duas Conferências em Berna uma em 1905 e outra em 1906.

A guerra de 1914-1918 foi decisiva neste movimento. No tratado de paz elaborado em Versalhes — 1919 — surge-nos a Organização Internacional do Trabalho. Não podiam permanecer ignorados, por mais tempo, certos problemas.

No preâmbulo da constituição da O. I. I. lemos: «...uma paz universal e durável não pode estar fundada senão numa base de justiça social».

A actividade da O. I. T. pode-se escalonar em diversas fases:

Na 1.ª fase — 1919-1944 — preocupa-se fundamentalmente com os problemas concretos suscitados pelo trabalho. Na primeira conferência da Organização realizada em Washington delimitou-se a duração do trabalho diário para 8 horas. Na convenção n.º 4 — restringe-se o emprego das mulheres em trabalhos nocturnos. Convenção n.º 6 regula o trabalho das crianças durante a noite. Convenção n.º 12 versa sobre acidentes de

Provas remetidas à Censura

em 11/4/64

Prova n.º 120

Saída em 28/2/64



trabalho na agricultura. Convenção n.º 14 torna obrigatório o descanso semanal. Convenção n.º 17 trata de reparação dos desastres no trabalho. Convenção n.º 26 define métodos para a fixação de salários mínimos. Como estamos a ver a actividade da O. I. T. está voltada para os problemas concretos do trabalhador. Importa ainda referir a convenção n.º 29, que está na sequência da convenção de 25 de Setembro de 1926 elaborada por uma comissão nomeada pela Sociedade das Nações, que é uma das mais importantes deste período. Esta convenção constituída em 1930 tinha o seguinte regime: extinção do trabalho forçado para fins particulares e admitia transitóriamente com restrições o trabalho forçado para fins públicos. Foi considerada prematura por alguns Estados. Portugal só veio a ratificá-la em 1956.

Com a convenção n.º 29 estava de um modo geral proibido o trabalho forçado. Mas isto é insuficiente. Era necessário impedir que certas formas de trabalho «resvassem» intencionalmente para o trabalho forçado. Para isto elaboraram-se mais três Convenções: n.º 50, n.º 64 e n.º 65 que regulam respectivamente o recrutamento dos trabalhadores, o regime dos contratos e as pessoas pelo não cumprimento dos contratos. São estas as convenções mais importantes deste período.

Na 2.ª fase, iniciada com a conferência de Filadélfia, definem-se princípios gerais de justiça social. A reunião efectuou-se em 1944 quando a guerra estava a findar. Há a preocupação de reafirmar e renovar posições. Estabelece-se todo um programa de acção cuja finalidade é eliminar situações de injustificada injustiça para se atingir definitivamente a paz e o bem-estar económico dos povos. Assim há uma luta contra o sub-emprego, contra a sub-alimentação, contra a discriminação racial. Todo este programa de acção encontra a sua expressão nas seguintes convenções publicadas em 1944: «Convenção sobre política social nos territórios não autónomos» onde se encontra no artigo 18 o princípio da não discriminação no trabalho; convenção relativa à aplicação de normas internacionais de trabalho aos territórios não metropolitanos; convenção sobre o direito de associação e conciliação dos conflitos de trabalho nos territórios não metropolitanos; convenção sobre inspecção do trabalho nos territórios não metropolitanos; convenção sobre a duração máxima dos contratos de trabalho dos trabalhadores indígenas. Estas convenções são um vasto programa que a O. I. T. irá aplicando na sua terceira fase, sendo as principais convenções deste período as n.º 1051 onde se aboliu definitivamente o trabalho forçado sob qualquer forma), n.º 107 — relativa à protecção das populações indígenas nos países independentes e o n.º 111 relativa à não discriminação em matéria de emprego e

22 X

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

se aceite que as condições climáticas propiciem uma alimentação menos exigente. Dos restantes números merecem menção especial a capitação de proteínas atribuída à R. A. U., e o excepcional consumo de açúcar da Líbia, próximo do da França.

Provas remetidas à Censura

em 19/11/63

Prova n.º 142

Saída em 28/2/64

*
*
*

De acordo com os dados de análise utilizados e, também com os conhecimentos originados noutras disciplinas sociais, parece-nos ser possível distinguir no Mundo e «a traço grosso» algumas grandes regiões que caracterizaríamos em síntese como segue:

— Europa Central e Setentrional — onde os problemas da fome e da sub-nutrição bem como os grandes desequilíbrios sociais estão praticamente resolvidos, sendo as questões mais em foco próprias das economias fundadas no «bem-estar»;

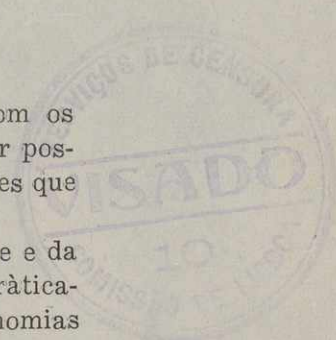
— Europa Oriental — a escassa informação disponível parece indicar, no seio de economias planificadas, a tendência para uma progressiva melhoria dos níveis de bem-estar, depois de um período em que se visou preferentemente a criação de estruturas industriais e o rápido acréscimo do produto respectivo;

— Europa Meridional — (Portugal, Espanha, Sul da Itália, Grécia) os problemas põem-se aqui mais em termos de modernização das economias e das estruturas sociais, não esquecendo a redistribuição de rendimentos, do que em termos de fome, dado que existindo, não são generalizáveis os casos de carência alimentar grave estrutural, tal como Carlo Levi no-la descreveu em relação à Basilicata;

— América do Norte — isto é, Estados Unidos e Canadá, fulcro de uma zona de influência política e económica que se estende aos cinco continentes e cujos limites pretende defender a todo o custo. Evidentemente que nestes países abarrotando de excedentes agrícolas não se põem problemas de escassez alimentar;

— América do Centro e do Sul — regiões potencialmente ricas, onde os problemas maiores parecem derivar de uma deficiente estruturação económica e social (com predomínio da monocultura, gritantes disparidades da dimensão da propriedade e larga influência económica e política do exterior) e da aparente impotência das elites autóctones para procederem à necessária reconversão estrutural. Resolvidos tais questões, as condições seriam suficientemente boas para permitirem acréscimos substanciais de população;

— África do Norte e Ásia Menor — as regiões de cultura islâmica encontram-se em pleno processo de transformação de instituições, nalguns países (como a R. A. U. e a Argélia) já adiantado e noutros ainda em embrião ou apenas sustido (casos da Arábia Saudita, do Irão ou até de Marrocos). O problema da fome já se começa a pôr nestas regiões, tanto mais que as condições naturais não parecem ser de molde a permitirem uma agricultura florescente. Em algumas delas, há ampla matéria para



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

em 19/4/64

Prova n.º 146

Saída em 28/2/64

que há memória sobre matérias de comércio internacional, abrangendo delegações de 122 países.

Como muito bem disse U Thant, no seu discurso de inauguração da Conferência, «as forças de mercado, que têm tido até agora liberdade para pôr obstáculos à política dos Governos, têm de ser dominadas... O mínimo que podeis fazer é dotar a Humanidade, tanto nos países sub-desenvolvidos, como nos desenvolvidos, com o quadro de princípios e de uma política activa que façam do comércio um verdadeiro instrumento de progresso económico e ajudem assim a assegurar uma prosperidade e uma paz universais à presente geração, bem como às que lhe sucederem.»

Esperemos que dessa reunião resulte algo de definido quanto ao estabelecimento de razões de troca mais conformes com a dignidade do «serviço» que o comércio internacional deve pretender proporcionar.

A ajuda aos países atrasados pode também processar-se útilmente sob a forma de empréstimos a juro baixo destinados a financiar os projectos reconhecidos mais urgentes do ponto de vista das necessidades do desenvolvimento económico, bem como de investimentos externos que, segundo um esquema equilibrado de atribuição de lucros, permitissem criar oportunidades de trabalho à mão-de-obra local e se revelassem agentes de um aumento de dimensão dos mercados nacionais. Evidentemente ~~que a última recomendação será bem aceite apenas por países que não entendam tomar o caminho da colectivização total ou parcial dos meios de produção.~~

De qualquer modo, a para além dos sacrifícios que internamente se imponham, não será possível às regiões sub-evoluídas conseguirem melhorias substanciais de situação a médio prazo sem o recurso aos capitais vindos do exterior. Desejável será que as instituições financeiras internacionais, mormente aquelas desligadas de compromissos com este ou aquele bloco, vejam acrescidos os seus recursos destinados à assistência ao desenvolvimento, para garantia de uma análise dos processos e decisão movidas apenas por motivações técnicas e, sempre que possível, de rentabilidade.

Os «processos negativos» a que aludimos, revertendo na prática no controlo dos nascimentos, são vivamente controvertidos com argumentos de ordem moral e religiosa. Não estando na linha desta análise tal tipo de discussão, parece-nos ser de bem maior monta apontar o duvidoso êxito que provavelmente acolheria uma acção generalizada de prevenção dos povos atrasados — os mais fecundos — contra os perigos de uma reprodução ilimitada, num mundo em que o crescimento populacional se processa a uma taxa média de 1,7 % ao ano, com tendência para aumentar. As estruturas mentais abrem-se nesses povos com dificuldade às novas concepções, e ainda mais quando elas põem em causa princípios praticados no quotidiano de gerações, existencialmente assumidos. Não sendo fácil estabelecer previsões quanto ao futuro das práticas anti-concepcionais, nada custa no entanto reconhecer a gravidade dos problemas do sobrepopoamento em vastas regiões do globo e o da decisão de assistir alheado ao desenrolar da espiral da população.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

Provas remetidas à Censura

em 14/4/64

Prova n.º 148

Saída em 28/2/64



A MAIOR CONFERENCIA INTERNACIONAL DA HISTORIA

No dia 23 de Março iniciou-se em Genebra a Conferência Internacional do Comércio.

1500 delegados em representação de 122 países debaterão, até 15 de Junho, os problemas do comércio entre as nações de todo o mundo. Do seu trabalho sairão os alicerces de uma economia à escala planetária, ou os sintomas de que os egoísmos regionais e ideológicos ainda não dão margem para tanto.

Se esta última hipótese se verificar, não a deveremos encarar com um encolher de ombros, mas antes com a mais justificada das apreensões. A Conferência reuniu-se ao som do trágico aviso constituído pelo imparcial relatório da O. N. U. a ela apresentado: *Os países em vias de desenvolvimento não atingirão o actual nível económico da Europa Ocidental antes de um período de oitenta a duzentos anos* — previne esse documento, onde também se assinala que dois terços da população mundial vivem nas áreas menos desenvolvidas do globo, com um rendimento equivalente a um quinto, apenas, da totalidade do rendimento mundial.

Esta desigualdade na repartição dos bens da Terra, conclui o relatório, «*constitui um perigo para a paz mundial*».

A Conferência Internacional do Comércio é uma iniciativa da O. N. U., e partiu de uma sugestão da U. R. S. S. Este país, prevê-se, irá porpor a criação de uma

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
GORTES



~~organização mundial que, funcionando permanentemente, trate do comércio dos países em via de desenvolvimento. Por essa razão, os Estados Unidos nunca encararam com satisfação a organização da Conferência, pois que uma tal organização prejudicaria a GATT (Organização Geral de Tarifas e Comércio), sob cuja égide se efectua a maior parte do comércio do Ocidente com os países subdesenvolvidos. A GATT constitui a grande esperança americana para o desenvolvimento coordenado de uma economia atlântica, e não inclui os países do leste.~~

Outra coisa é certa, e encontra-se sintetizada neste parágrafo de uma reportagem publicada no *Jornal do Comércio* de 23 de Março, escrita por William Anderson, da UPI, em exclusivo para a ANI:

«Os países pobres baseiam os seus pedidos de auxílio no facto de continuar a crescer a diferença entre o seu nível de vida e o dos países desenvolvidos.

Os países pobres estão a receber cada vez menos dinheiro pelas suas exportações de matérias-primas, ao passo que vão pagando sempre mais pelas importações de produtos manufacturados.

«Enquanto o Ocidente goza de uma onda de prosperidade, as populações em aumento da África, da Ásia e da América Latina continuam a viver progressivamente pior, afirmando que o Ocidente lhe deve conceder melhores condições de comércio, sem exigir, em compensação, novas concessões».

M. C.

10

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
AUTORIZADO
COM
GORTES

2



INTERIORIDAD DE DOS ESTRELLAS QUE ARDEN

Al que combatió por la Libertad
se le dió una estrella, vecina
a la luminosa madre muerta al alumbrar.
— ¿Fué grande tu dolor? — preguntó
el Guerrero.

— No tanto como el gozo
de dar un nuevo hombre al mundo.

— ¿Y tu herida — dijo ella —
fué honda y torturante?

— No tanto
como el gozo de dar al hombre un mundo nuevo.

— ¿Y conociste a tu hijo?

— Nunca!

— ¿Y conociste el fruto de tu lucha?

— Morí antes.

— ¿Duermes? — preguntó el Guerrero.
Sueño — respondió la madre.

P. A. C.

H

SERVIÇO DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

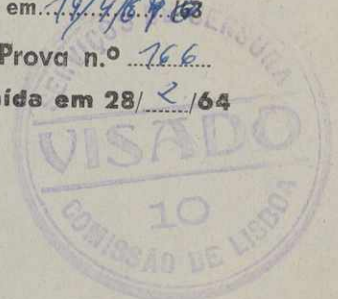
SERVIÇO DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 14/4/64

Prova n.º 766

Saída em 28/2/64

OS DELINQUENTES JUVENIS

Há tempos, um jornal francês publicou um desenho em que se imaginava gráficamente o aspecto dum bairro «ocupado» por uma força de *blousous noirs*. O fim-de-semana pascal em Clayton Beach excedeu essa previsão humorística, e constituiu uma inesperada insistência da vocação inglesa para as expedições armadas. Nasser e Makários sabem o que queremos dizer.

Os jornais pelam-se por dar retumbância a incidentes destes, pois constituem garantia de compra massiça: pelos adolescentes, por puro gozo; pelos adultos, por quase nasoquismo.

A revolta dos adolescentes é um fenómeno antigo como a adolescência, e em cada adolescente revoltado há em potência (espera-se) um pai ou uma mãe enfrentadores de filhos revoltados. Em cada jovem poeta escrevendo blasfémias nas paredes oculta-se, ameaçadora, a hipótese de um burguês todo dado a forrar lucros. *Rimbaud le dit, qui ne peut se tromper.*

No entanto — protestar-se-á — há uma nítida tendência para pior. É possível que não — poderá responder-se. Procuremos, porém, olhar o fenómeno.

Nele, há dois factores a ter em conta:

- 1 — As manifestações dos *teddy-boys* & C.º são mais violentas do que a média do padrão clássico;
- 2 — Ao invés desse padrão, são sistematicamente colectivas.

O primeiro factor tem menos importância negativa do que possa parecer (excepto para as vítimas ocasionais). O segundo parece-nos digno da maior atenção.

Os *gangs* são grupos com hierarquia, leis e membros. Para já, anote-se uma curiosa contradição entre a selvajaria alegada e a organização de que se revestem. A seu modo, constituem a mais disciplinada forma de proclamar a indisciplina.

Em reforço da estraneidade deste aspecto, atente-se em que até nos Estados

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÍDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÍDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 14/4/64

Prova n.º 167

Saída em 28/2/64

Unidos ele se manifesta. Compare-se a formação ordenada destes *gangs* com a reunião ocasional dos jovens bêbados e desordeiros dos anos 20 e 30 (leia-se James Farrell, por exemplo) e ver-se-á a diferença entre uma rebelião adolescente em pleno individualismo liberalista e uma rebelião adolescente *contra* a sociedade individualista do pós-liberalismo.

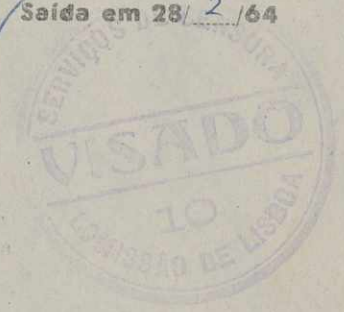
Não nos atribuam exageros: no jovem *hooligan* que faz das suas entre dois copos não há consciência das motivações profundas. Nem estas serão dedutíveis em dois tempos, como cuida certa psicanálise de salão recreativo. Mas atrevemo-nos a sugerir que se atente nesta propensão para a união de esforços que revela, entre outros episódios similares, o assalto combinado a Clayton Beach. O antigo *boxeur* Georges Carpentier, ao receitar há tempos o *ring* como profiláctico contra a covardia que prefere bater-se em grupos, só tinha um pouco de razão: aquela que corresponde à percentagem de covardes que sempre existe em todos os núcleos de «gajos tesos».

Dizemos isto porque duvidamos da covardia generalizada nesses grupos de adolescentes. Estamos até convencidos de que a prática do boxe ou de qualquer outro desporto individual não impedirá o adolescente de hoje de pender para a integração em acções colectivas, porque a intuição, sempre presente e significativa entre os adolescentes captou (sem a entender) o apelo surdo mas insistente de uma época em que o herói tipo *lobo solitário* entrou em crise.

Quanto à violência excepcional dessas manifestações, há que ter em conta a sua «mansidão» se comparada aqueloutra que, embora por vezes disfarçada de palavra discursada ou escrita, tem os sangrentos resultados que a política internacional da primeira metade do século ofereceu em espectáculo. Quem poderá culpar os *teddy-boys* do que fizeram, a poder de TNT e outros mimos explosivos, os *teddy-boys* que os antecederam?

M. C.

H

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADOSERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

~~Foram necessários mais 150 mil contos para solver todos os compromissos contraídos com o sustento das forças militares extraordinárias no ultramar, em 1963~~

1 F

Por se considerar que «apesar do esforço feito em 1963 na satisfação de despesas com as forças militares no Ultramar» se verificou agora, conforme um decreto publicado no «Diário do Governo» de 7 do corrente, a necessidade de se abrir mais um crédito extraordinário, no valor de 150 mil contos, de modo a poderem ser cobertos todos os dispêndios efectuados, foi publicado na folha oficial o decreto que determina a abertura deste crédito.

PRIMEIRO DE JANEIRO
12 de Março de 1964

2

Em 18/3/64

Prova n.º 185

Saída em 28/2/64



~~Colunha para a esquerda nos~~ eleições em
França

PARIS, 16 — (F. P.) — Muito pouco se modificou, afinal, o mapa político francês, com as eleições cantonais dos dois últimos domingos.

Se diminuiram levemente em relação ao dia 8 do corrente, em que atingiram a cifra de 43,40 por cento, as abstenções ainda foram ontem superiores a 40 por cento (41,77).

Por ordem de importância — segundo as estatísticas oficiais — é esta a situação dos partidos nos cantões onde se votou: 286 mandatos (mais 15) cabem à S. F. I. O., 204 (menos seis) aos moderados de acção local, 202 (menos seis) ao centro-esquerda, 199 (menos 39) ao Partido Radical Socialista, 165 (menos 44) aos independentes da direita, 148 (menos seis) ao M. R. P., 123 (mais 33) à U. N. R.-U. D. T. (degaullistas), 99 (mais 49) ao Partido Comunista, 40 (mais 19), à extrema esquerda do Partido Socialista Unificado e 81 (mais cinco) aos independentes de tendência degaullista.

Nota-se, portanto, uma guinada para a esquerda, mediante o ganho total de 75 mandatos pelos comunistas, pela extrema esquerda e pela S. F. I. O. A segunda formação que ganhou pontos foi a U. N. R.-U. D. T., com 33 lugares. Os que perdem pontos são os independentes da direita e os radicais, bem como o M. R. P. Estas três formações apresentaram já um protesto contra a elaboração das estatísticas.

Entretanto, outro problema político vai levantar-se em breve: o da eleição dos presidentes do Conselho Geral (são as primeiras autoridades, depois do prefeito, em cada departamento). A eleição deverá efectuar-se dentro de dez dias.

DIÁRIO DE LISBOA
16 de Março de 1964

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM CORTES

4

Provas remetidas à Censura

em 28/4/64

Prova n.º 191

Saída em 28/2/64



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

10

~~Attingem mais de quinhentos mil contos~~
~~orçamentos~~, para 1964,
dos três ramos das Forças Armadas
em Angola

Foram aprovados e mandados entrar em vigor, por portaria inserta no «Diário do Governo» ontem distribuído, os orçamentos privativos das forças terrestres, navais e aéreas de Angola, para 1964, no valor global de 501 400 contos.

PRIMEIRO DE JANEIRO
13 de Março de 1964

+

Provas remetidas à Censura

em 18/4/64

Prova n.º 192

Saída em 28/2/64



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM CORTES

Espanha: ~~Partido Comunista~~

O Partido Comunista espanhol deliberou destituir por «revisionismo» a comissão central de que faziam parte Dolores Ibarruri «La Pasionária» e Santiago Carrilo, e reconstituir um novo partido na Espanha — informa o jornal clandestino «Mundo Obrero Revolucionário» — (F. P.).

DIÁRIO DE LISBOA
8 de Abril de 1964

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM CORTES

Provas remetidas à Censura

em 29/4/64

Prova n.º 229

Saída em 28/2/64

vem à cabeça, com um médico por 630 habitantes —, outros dispõem apenas de um médico para várias dezenas de milhares de almas²⁰.

6. Não é pois de admirar que a *esperança de vida à nascença* reflecta fielmente as disparidades que acabámos de apontar — e outras ainda — e que denote também grandes diferenças, com mínimos verdadeiramente inquietantes.

Ultrapassando de pouco os 32 anos na Índia, atinge o seu máximo na Noruega, com 71 anos para os homens e quase 75 para as mulheres. A própria vida, como se vê, faz por se mostrar galante!²¹

Têm-se verificado progressos, é verdade, um pouco por toda a parte, no decurso dos últimos decénios, mas as diferenças continuam a ser trágicas; alguns povos morrem jovens, enquanto outros envelhecem.

A probabilidade de vida tem de resto aumentado com a história do mundo e em toda a superfície do globo²², mas, repetimos, está longe de ter progredido em toda a parte por forma que se possa dizer igual.

O Dr. Hermann Seyboth, numa obra publicada em 1957 (ver nota 22), recorda um excelente ditado de Jacob Grimm:

A carriça dura três anos,
O cão, três carriças,
O cavalo três cães,
O homem, três cavalos,

o que dá para o homem uma esperança de vida de 81 anos. Para a maior parte da humanidade, que abismo entre esta esperança e a realidade!

Perante as disparidades verificadas entre os níveis de vida e as médias de longevidade, perguntemo-nos se é possível tolerar que elas subsistam sem nós ruborizarmos e, em caso afirmativo, se não nos diminuímos pelo facto de mantermos em tão humilhante situação homens a que chamamos nossos irmãos!

A PRODUÇÃO E AS SUAS POSSIBILIDADES DE CRESCIMENTO

As disponibilidades alimentares por habitante, por países ou por regiões são reflexo dos balanços alimentares nacionais, os quais, por sua vez, são o resultado da produção, da diferença líquida entre importações e exportações e, ainda, do emprego de víveres para fins diferentes da alimentação humana.

Não se trata de apresentar aqui um quadro geral da produção ou das trocas de produtos agrícolas no mundo; trata-se, sim, o que interessa bastante mais, de discernir as tendências da produção — o que se verifica quanto à situação de facto e quanto às perspectivas de aumento das disponibilidades.

Desde a sua criação em 1945, a F. A. O., Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, tem publicado todos os anos um documento intitulado *Situação Mundial da Alimentação e da Agricultura*. A esses documentos nos reportaremos com proveito, já que esses estudos honestos mostram quão mínimos têm sido os progressos obtidos depois da última grande guerra, não obstante esforços assaz intensos²³.



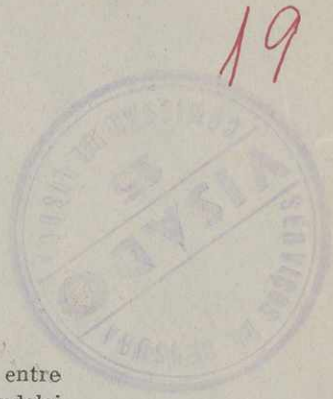
SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

Provas remetidas à Censura

em 21/9/64 148

Prova n.º 234

Saida em 28/2/64



peçoas ao pessimismo quanto à solução do gigantesco problema da fome; entre essas teorias citamos apenas as de Malthus e dos neomalthusianos¹³, com a pseudolei

do rendimento decrescente das terras e a noção do potencial biótico limitado do solo.

Entre os pessimistas encontramos sem dúvida homens de reconhecido valor, e ainda recentemente, por ocasião do colóquio de Abril último organizado pela Sociedade Nestlé, ouvimos exposições capazes de nos desencorajar, justamente quando se torna necessário toda a nossa coragem e imaginação¹⁴.

Os argumentos dos pessimistas podem servir-nos de aviso; previnem ilusões perigosas, embora não nos convençam; por exemplo, citar a revolução industrial como um dos meios que permitiram o crescimento harmónico da população dos países onde ela se produziu parece-nos ser o melhor fundamento de um optimismo raciocinado, por isso que observamos que essa mesma revolução industrial está ainda nos seus primórdios e que prossegue sob os nossos olhos a um ritmo quase assustador, ao mesmo tempo que se estende, agora, progressivamente ao mundo inteiro.

Recordemos a frase de Bergson: «Deixai actuar Vénus e tereis Marte.» Devemos talvez encarar uma prescrição de temperança à proliferação humana; mas se, neste ponto, conseguimos utilizar a razão, não conviria também, e até antes, utilizar a mesma razão no sentido de levar os homens a consagrar ao problema de que tratamos a energia e o engenho que consagram às guerras, de que aliás saíram progressos técnicos notáveis?

Sobre este ponto delicado do problema da fome, um grande historiador inglês, Arnold Toynbee, fez notar que parecia difícil «continuar a reduzir a mortalidade, permitindo simultaneamente que a natalidade siga o curso natural»; e sublinhou que a limitação dessa mesma natalidade cabe antes de tudo aos particulares¹⁵.

A limitação dos nascimentos choca o sentimento moral e religioso de vastos meios e devemos tomar em consideração este facto; é aliás, parece, uma das preocupações da Comissão das Igrejas para as Questões Internacionais.

Encontramo-nos em face de uma verdadeira tragédia mundial, e atribui-se ao Sr. Paul-Henri Spaak a seguinte afirmação: «No teatro, em todas as tragédias, produzem-se catástrofes a que assistimos do nosso lugar como espectadores; mas, aqui, podemos contentar-nos em sermos espectadores?»

Tendo Josué de Castro escrito que a humanidade se compõe:
— por um lado, dos que não comem porque não dispõem dos meios para o fazer,
— e, por outro, dos que não dormem com medo de uma revolta ou por escrúpulo de consciência,

Alfred Sauvy fez notar que, pelo contrário, era «inquietante» que o mundo ocidental dormisse ainda pacificamente, quando se põem problemas tão graves.

São estes adormecidos que a Campanha da F. A. O. contra a Fome precisa de acordar e em quem ela deve criar um sentimento de culpa, bem como o desejo de remediar a situação actual.

Um outro francês, Jacques Maritain, afirmou:

«Enquanto as sociedades modernas segregarem a miséria como um produto normal do seu funcionamento, não pode haver descanso para um cristão.»

É pois tempo de tomarmos consciência de um problema mundial que os países não podem resolver unilateral e individualmente; é necessária uma acção internacional

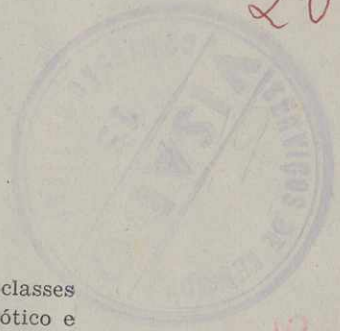
SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES

Provas remetidas à Censura

em 21/4/64

Prova n.º 235

Saida em 28/2/64



20

enérgica e, se se pretende evitar o que Tibor Mende chama «uma guerra de classes internacionais», é preciso oferecer-lhes alguma coisa mais do que o cinema erótico e o anticoncepcionismo ¹⁶.

Creio que todos compreendemos que o lucro e os preços não são, por si sós, reguladores válidos, e que se torna necessário passar de uma economia do lucro a uma economia das necessidades ¹⁷, em que se atribua ao estudo das necessidades legítimas dos homens uma importância pelo menos igual à que até agora tem sido consagrada aos problemas da produtividade, da rentabilidade no sentido estrito; será necessário estudar não somente a procura, mas também e sobretudo, a não-procura, e as suas causas.

Como se vê, trata-se de rever algumas das nossas regras de vida, demasiado confortavelmente aceites — quando afinal se revelam perigosas para todos — e de passar a uma «economia em que se dê», segundo a expressão de François Perroux ¹⁸,

à qual acrescentarei: em que se dê, se necessário, sem esperança de retribuição.

Nos países avançados não se terá talvez ainda medido bem o verdadeiro sentido do problema, nem avaliado ainda suficientemente, a alegria que se encontra em dividir com os menos favorecidos. Acção das economias e potências hoje dominantes, como os Estados Unidos e a União Soviética, pode ser determinante, e a sua responsabilidade, aliás como a da Europa, é a este respeito muito grande.

Não têm faltado os apelos à acção por parte de grandes chefes de Estado; é necessário que se completem por acções, conduzidas com determinação e visão realista do futuro e das necessidades do mundo. E que me seja permitido citar mais uma vez o R.º P.º Le Bret, ao afirmar que «o mundo chegou a um ponto em que apenas a utopia é realista» ¹⁹.

~~Os povos que sofrem não esperarão indefinidamente e não hesitarão diante de nada para conquistar um certo bem-estar, agora que já viram claramente que o podem obter e dele gozar como os outros.~~

Vivemos uma época de radical transformação da estrutura do mundo e das relações das suas diversas partes; todos os dias nos tornamos, na verdade, mais solidários uns com os outros, unidos numa «comunidade de destino», no seio da qual países desenvolvidos e países menos desenvolvidos têm reciprocamente necessidade uns dos outros.

O poder do homem aumentou e hoje pode agir de harmonia com o parecer de Julian Huxley: «The man can inject his ethics into the heart of evolution» ²⁰. O homem

será então «arco e flecha da evolução», segundo a bela expressão de Teilhard de Chardin na antologia póstuma dos seus escritos, *Le Phénomène humain*.

Pela minha parte, é com este espírito que considero aquilo a que dou o nome de cruzada contra a fome, empreendida pela F. A. O. e para a qual ela nos concita.

E, em conclusão desta árida exposição, desejaria ver esta cruzada colocada sob o moto do admirável pensamento de malgrado filósofo que, em 1947, prestou o seu concurso aos Encontros Internacionais de Genebra, Nicolas Berdiaeff, pensamento assim expresso lapidarmente:

*O pão para nós próprios é uma preocupação material.
O pão para os outros, uma preocupação espiritual* ²¹.

(Tradução de ANÍBAL DA SILVA TELO)

* «O homem pode injectar a sua moral no centro da evolução.» (N. do E.)

AS

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

Provas remediadas de Censura

em 22/4/64

Prova n.º 288

Saída em 28/2/64

de ambos os lados indistintamente. H. Wilson: «O orçamento não tem relação com a situação económica da Grã-Bretanha.» Notou, depois, que o orçamento «eleitoral», que precede em geral as consultas populares, foi dado à nação o ano passado, época em que o governo não imaginava adiar as eleições para Outubro de 1964. Segundo o hábito que estabelece um programa fiscal severo nos anos seguintes às boas novas eleitorais, Maudling viu-se obrigado a deter a expansão da economia. E Harold Wilson terminou: «O chanceler não passa de um alegre trovador». Mas também o «The Times»: «É difícil perceber como é que o Partido Conservador ou os eleitores vão ser aliviados pelo orçamento do sr. Maudling.» O «Daily Sketch» (12 milhões de leitores), émulo do trabalhista «Daily Mirror», gracejava em cinco colunas: «Bem, pelo menos, o rapaz é honesto». O «Daily Telegraph», liberal, confessava tristemente que «o orçamento não se podia chamar inovador» e que «a questão da modernização da estrutura dos impostos foi contornada». O «Daily Express» não se preocupou com delicadezas e proclamava na página fronteira: «O discurso aborreceu o Parlamento. Não há razões para estarmos satisfeitos». O próprio solene «guardian» classificava deste modo a coisa: «um orçamento ortodoxo e mundano». Quanto ao «Daily Mirror» como de costume, violento: «um orçamento trapalhão, burro e estático (...) Um orçamento cansado de um governo cansado.»

Outra esperança se esfumara. Provara-se que a cedência em última instância, como método de vingar, acarretava, ao fim de pouco ou de muito tempo, a perda total do domínio dos acontecimentos e, feitas bem as contas, revezes bastante mais difíceis de remediar.

~~A intenção de progredir — verificou-se — não é substituível pela intenção de permanecer no poder à custa de alguns passos em frente, relutantes, curtos e trémulos. Permanecer — verificou-se — às vezes é o contrário de governar, às vezes significa somente remediar e caminhar para os piores naufrágios.~~

5.

Naufragados, claro, os candidatos conservadores às eleições municipais.

Dos 103 lugares do Conselho da «Grande Londres», os trabalhistas conquistaram 64 e os conservadores 36. Resultado tanto mais significativo, quanto à «cintura vermelha» dos arrabaldes do East-End se acrescentara, admitindo a sua representação no Conselho, uma vasta «cintura verde», povoada — cria-se — por eleitores exclusivamente «toies».

No resto do país, o aumento dos trabalhistas foi de mais de 11% dos sufrágios totais, tendo ganho 1106 lugares contra 689 dos conservadores, 80 dos Liberais e 15 dos Independentes.

~~Tudo isto, a doença de De Gaulle e a candidatura de Deferre, permite-nos admitir um regresso da esquerda europeia aos postos de responsabilidade. Sobre os erros e as traições que lhe impuseram este involuntário exílio muito haveria a dizer. No entanto, já que o assunto merece atenção particular, uma crónica específica sobre ele se seguirá.~~

H